

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Célia Terezinha Foletto

**O MUSEU DO IMIGRANTE ITALIANO “EDUARDO MARCUZZO”:
HISTÓRIA E IDENTIDADE, VALE VÊNETO/RS**

Santa Maria, RS
2019

Célia Terezinha Foletto

**O MUSEU DO IMIGRANTE ITALIANO “EDUARDO MARCUZZO”: HISTÓRIA E
IDENTIDADE, VALE VÊNETO/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Patrimônio Cultural**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta Rosa Borin

Santa Maria, RS
2019

Foletto, Célia Terezinha
O MUSEU DO IMIGRANTE ITALIANO "EDUARDO MARCUZZO":
HISTÓRIA E IDENTIDADE, VALE VÊNETO/RS / Célia Terezinha
Foletto.- 2019.
99 p.; 30 cm

Orientador: Marta Rosa Borin
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2019

1. Imigração italiana 2. Museu do Imigrante Italiano
Eduardo Marcuzzo 3. Patrimônio Cultural I. Borin, Marta
Rosa II. Título.

Célia Terezinha Foletto

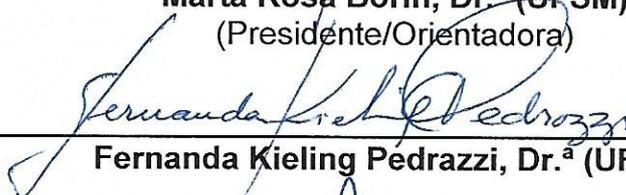
**O MUSEU DO IMIGRANTE ITALIANO "EDUARDO MARCUZZO": HISTÓRIA E
IDENTIDADE, VALE VÊNETO/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Aprovado em 24 de abril de 2019:



Marta Rosa Borin, Dr.^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Fernanda Kieling Pedrazzi, Dr.^a (UFSM)



Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, Dr.^a (UNISINOS)

Santa Maria, RS
2019

“Amar a Vida Sem Condição.”

Alcir José Foletto (*In memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer a importância que algumas pessoas e entidades tiveram para que eu pudesse ter concluído mais esta importante etapa da minha vida. Primeiramente, agradeço a Deus pela dádiva da vida, pelas conquistas e pelos desafios que se apresentam a cada jornada, pois, mesmo que muitas vezes, fizeram-me derramar lágrimas, são eles que me impulsionam a evoluir como pessoa.

À Instituição UFSM, que, por natureza, desenvolve pessoas, e onde, para mim, foi de grande crescimento pessoal e profissional ter realizado este Mestrado. À direção, administração e aos professores do curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, que se esmeram para agregar valor e conhecimento aos que realizam este curso.

À orientadora Prof.^a Dr.^a Marta Rosa Borin, que me orientou para que pudesse concluir este estudo e, sempre com empenho e discernimento, soube extrair o melhor de mim e do meu trabalho.

Às professoras Eloisa Capovilla da Luz Ramos e Fernanda Kieling Pedrazzi pela participação e dedicação na banca de defesa final de Mestrado.

Aos meus pais, descendentes de imigrantes italianos, que souberam dar exemplos de coragem e dignidade. À minha família, Luis Fernando, meu esposo e Gabriel, meu filho, pela compreensão nos momentos em que não pude estar presente, pela paciência e pelo apoio que tiveram nos tempos difíceis da minha caminhada.

À minha irmã Jussara Foletto, que sempre esteve ao meu lado, dando-me força e coragem para superar as dificuldades, o que foi de muita relevância para eu chegar à conclusão desta dissertação. À Marisa Foletto, minha irmã, por seu carinho e incentivo. Às sobrinhas Noelle e Camila Foletto, que realizaram colaborações no desenvolvimento do meu trabalho.

À minha amiga Jacinta Vizzotto, que foi pioneira em trazer, para o mundo acadêmico, a cultura de Vale Vêneto. Também, por seu empenho como Diretora Técnica do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM) e pelas contribuições na minha dissertação, sempre me apoiando e me incentivando a cultivar nossas tradições.

À Analiz Bordignon, minha amiga, companheira de todos os momentos desafiadores desta trajetória, sempre me estimulando e motivando, fazendo-me acreditar que eu chegaria ao final da realização desta etapa de minha formação.

À Inês Maria Marcuzzo pela cooperação com informações e material do acervo de seu pai, Eduardo Albino Marcuzzo, agregando ainda mais conhecimento, que foram importantes nas minhas pesquisas.

Ao Designer Gráfico e Digital, Ricardo Pivetta, pelo suporte técnico na realização do site do MIEM.

À Tânia Rorato, Guia de Turismo de Vale Vêneto, pelas informações prestadas. Aos meus colegas de trabalho os quais, direta ou indiretamente, participaram na elaboração desta dissertação.

À equipe da Associação Vêneta de Vale Vêneto (AVE) e ao Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM), agradeço pela disponibilização do material necessário para as minhas pesquisas e, também agradeço aos antepassados, que não estão mais entre nós, mas cujas vidas são os legados que hoje temos para sabermos sobre nós mesmos. Suas histórias contadas no Museu por meio dos objetos fazem parte de nossas raízes. Ter realizado este trabalho me fez acessar parte do que eu sou, renascendo minhas próprias forças.

Muito obrigada!

RESUMO

O MUSEU DO IMIGRANTE ITALIANO “EDUARDO MARCUZZO”: HISTÓRIA E IDENTIDADE, VALE VÊNETO/RS

AUTORA: Célia Terezinha Foletto
ORIENTADORA: Marta Rosa Borin

A imigração italiana foi um acontecimento de grande influência na vida social, econômica e religiosa dos indivíduos oriundos de diferentes regiões da Itália que se estabeleceram na região central do estado do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, o patrimônio cultural construído e herdado por várias gerações é repleto de significados, alguns ainda muito presentes na memória social dos moradores de Vale Vêneto, distrito do município de São João do Polêsine (RS), região da Quarta Colônia. Nesse local, encontra-se o Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM), fundado em 26 de julho de 1975, o qual possui um acervo bastante rico, com mais de dez mil artefatos, doados pela comunidade, referentes ao cotidiano das famílias italianas. Considerando-se a falta de visibilidade que possui o MIEM, surgiu a proposta de elaborar um site como alternativa para divulgação da história da imigração italiana a partir dos bens culturais disponíveis no Museu. Para isso, os procedimentos metodológicos utilizados consistem na pesquisa bibliográfica sobre a cultura da imigração italiana e no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). A construção do site do MIEM contribui para valorizar a identidade da comunidade, sobretudo dos descendentes dos imigrantes italianos, além de agregar exemplos de iniciativa de preservação do patrimônio cultural da região, bem como uma forma de incentivo à divulgação do Museu a fim de atrair turistas para a visita “in loco” e, conseqüentemente, o desenvolvimento regional por meio do turismo.

Palavras-chave: Imigração italiana. Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo. Patrimônio cultural.

ABSTRACT

MUSEUM OF THE ITALIAN IMMIGRANT “EDUARDO MARCUZZO”: HISTORY AND IDENTITY, VALE VÊNETO/RS

AUTHOR: Célia Terezinha Foletto

ADVISOR: Marta Rosa Borin

Italian immigration was a far-reaching event in the social, economic and religious life of individuals from different regions of Italy who settled in the central region of the state of Rio Grande do Sul. In this sense, the cultural heritage built and inherited by several generations is full of meanings, some are still very present in the social memory of the residents of Vale Vêneto, district of the town São João do Polêsine, region belonging to The Fourth Colony. In that place, there is the Italian Immigrant Museum Eduardo Marcuzzo (MIEM), founded on July 26, 1975, which has the most important collection of all time, with more than ten thousand artifacts, donated by community and referring to the daily life of Italian families. The lack of visibility of MIEM has reflected on the proposal to create a website as an alternative to disseminate the history of Italian immigration from the cultural assets available in the Museum. Therefore, the methodological methods used were bibliographic research on the culture of Italian immigration and the use of Information and Communication Technologies (ICT). The construction of MIEM website contributes to enhance the identity of the community, especially of the Italian immigrants descendants, besides being a way to preserve regional cultural heritage, as well as encouraging the dissemination of the Museum in order to attract tourists to an on-site visit and, consequently, regional development through tourism.

Keywords: Italian immigration. Museum of the Italian Emigrant Eduardo Marcuzzo. Cultural heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Mapa do distrito de Vale Vêneto, São João do Polêsine – RS	27
Figura 2 –	Centro Cultural Rainha dos Apóstolos, em Vale Vêneto	30
Figura 3 –	Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes, em Vale Vêneto	31
Figura 4 –	Monte Calvário, em Vale Vêneto	31
Figura 5 –	Gruta Nossa Senhora de Lourdes, em Vale Vêneto	32
Figura 6 –	Igreja Matriz <i>Corpus Christi</i> , em Vale Vêneto	33
Figura 7 –	Família de Eduardo Albino Marcuzzo, em 1981	42
Figura 8 –	Livro de Registro Família, de 1878 a 1889	43
Figura 9 –	Em pé, à direita, Eduardo Marcuzzo, fundador do MIEM, em 1975	44
Figura 10 –	Placa de Inauguração do Museu do Imigrante Italiano Padre João Iop, de 1978	45
Figura 11 –	Museu do Imigrante Italiano Padre João Iop, em 1978.....	46
Figura 12 –	Logomarca do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo	47
Figura 13 –	Fachada da entrada principal da Casa Paroquial, situada na Rua Padre João Iop, lateral à Igreja de Vale Vêneto em 26 de janeiro de 1999	49
Figura 14 –	Fachada da entrada principal da Casa Paroquial após as reformas, de 2016	50
Figura 15 –	Práticas museológicas do MIEM.....	51
Figura 16 –	Fachada lateral da Casa Paroquial, entrada principal do MIEM	52
Figura 17 –	Etiquetas com as informações dos objetos do MIEM	54
Figura 18 –	Sala de Entrada do MIEM	55
Figura 19 –	Panelão de ferro “ <i>caldora</i> ”, “ <i>pignaton</i> ” ou “ <i>caliera</i> ”.	55
Figura 20 –	Par de rodas de carreta grande, de 1940, e “ <i>tórcio</i> ”	56
Figura 21 –	Missal Romano, “ <i>Missal Romanum</i> ”, livro em Latim, de 1883	57
Figura 22 –	Sala Italiana do MIEM	58
Figura 23 –	Sopeira, utensílio de louça esmaltada usada para servir sopa, de 1930	59
Figura 24 –	Bule, utensílio de louça usado para servir café, de 1888	59
Figura 25 –	Cozinha Italiana do MIEM	60
Figura 26 –	Escorredor “ <i>aparato</i> ”, utensílio de cozinha, de 1946	61
Figura 27 –	Balde de madeira “ <i>seccia</i> ”, de 1918	62
Figura 28 –	Pia de madeira “ <i>secer</i> ” ou “ <i>seccíaro</i> ”. Móvel de cozinha, de 1915.	62
Figura 29 –	Sala Iconográfica do MIEM	63
Figura 30 –	Santa Stella Furlan e Paolo Bortoluzzi, benfeitores de Vale Vêneto, em 1878	64
Figura 31 –	Grupo de senhoras que fizeram a polenta no panelão, em 1975	65
Figura 32 –	Tabuleiro da polenta, “ <i>fondal</i> ” e os organizadores, em 1975	66
Figura 33 –	Sala 1 do Trabalho, Usos, Costumes e Fazeres do MIEM	67
Figura 34 –	Sala 2 do Trabalho, Usos, Costumes e Fazeres do MIEM	67
Figura 35 –	Descascador de arroz “ <i>molinêti de rizo</i> ”, em madeira, em 1880	68
Figura 36 –	Máquina manual para debulhar milho, de 1899	69
Figura 37 –	Forma de madeira para fazer “ <i>sportas</i> ” (sacolas), de 1945	70
Figura 38 –	Quarto Italiano do MIEM	71
Figura 39 –	Berço em madeira “ <i>cunna</i> ”, de 1879	71
Figura 40 –	Cama de casal em madeira, de 1898	72
Figura 41 –	Sapatos entalhado em madeira “ <i>socól</i> ”, de 1894	73

Figura 42 – Sala de Música do MIEM	74
Figura 43 – Harmônio, de 1930	75
Figura 44 – Matraca “ <i>racolon</i> ”, de 1927	75
Figura 45 – Sala Arte Sacra do MIEM	76
Figura 46 – Ostensório, de 1889	77
Figura 47 – Imagem de São Francisco de Assis	78
Figura 48 – Sino de bronze, de 1903	79
Figura 49 – Memorial do Padre Clementino Marcuzzo	80
Figura 50 – Página inicial do site do MIEM	84
Figura 51 – Cabeçalho do site e menu de navegação	85
Figura 52 – Página referente ao item <i>O Museu</i> , com subitens	85
Figura 53 – Página referente ao item <i>Exposição</i>	86
Figura 54 – Seleção de salas específicas do MIEM – Sala Italiana	87
Figura 55 – Página referente à Sala Italiana	88
Figura 56 – Página referente ao item <i>Visitação</i>	89
Figura 57 – Página referente ao item <i>Publicações</i>	90
Figura 58 – Página referente ao item <i>Notícias/Eventos</i>	91
Figura 59 – Página referente à Barra de Informações	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVE	Associação Vêneta
CNM	Cadastro Nacional de Museus
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
MIEM	Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo
RS	Rio Grande do Sul
SACE	Sociedade Agrícola, Cultural e Esportiva
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL	19
2.1 DA ITÁLIA PARA O BRASIL	19
2.2 A QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL	22
2.3 VALE VÊNETO: UM MARCO DA CULTURA ITALIANA	26
3 O PATRIMÔNIO CULTURAL E A CONSISTÊNCIA DE INFORMAÇÕES HISTÓRICAS DOS MUSEUS	35
3.1 CONCEITOS E FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA.....	35
3.2 MUSEU DO IMIGRANTE ITALIANO EDUARDO MARCUZZO (MIEM)	41
3.2.1 Salas de Exposição	52
3.2.1.1 Sala de Entrada.....	54
3.2.1.2 Sala Italiana.....	57
3.2.1.3 Cozinha Italiana.....	59
3.2.1.4 Sala Iconográfica.....	63
3.2.1.5 Sala do Trabalho, Usos, Costumes e Fazeres	66
3.2.1.6 Quarto Italiano	70
3.2.1.7 Sala da Musicalidade	73
3.2.1.8 Sala Arte Sacra	76
3.2.1.9 Memorial Padre Clementino Marcuzzo.....	79
4 DIVULGAÇÃO DA HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NUM PORTAL DE INFORMAÇÕES NA INTERNET (WEBSITE)	81
4.1 OS MUSEUS NA INTERNET: UMA NOVA REALIDADE	81
4.2 O PASSADO À LUZ DO FUTURO: O SITE DO MIEM.....	83
5 CONCLUSÃO	93
REFERÊNCIAS	96

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a humanidade sempre utilizou o que havia ao seu redor como subsídio para a sua própria existência. Os modos como o homem deixou registrada sua passagem sobre a Terra é um legado que remete à própria essência humana. Conhecer essa trajetória é conhecer a própria origem, e é por meio de registros materiais que se pode compreender como pensava, como agia e como vivia a humanidade.

O mundo é edificado e pintado conforme a cultura, o conceito de arte e a época de cada lugar. Ao estudar os vieses deixados na arquitetura, linguagem, educação, política, arte, podem-se reconstituir tais fragmentos de matéria e memória a fim de se compreender a evolução humana. Para tanto, muitas vezes, o ser humano teve de retomar sua vertente itinerante, ora em busca de alimentos, ora para expandir suas fronteiras, e, com suas migrações, exportou hábitos e criou novas identidades.

Quando se observam as razões pelas quais as pessoas migram para buscar qualidade de vida, deixando seu próprio povo, sua cultura, seus vínculos e suas raízes, então se compreende a força maior que as leva a novos horizontes (HARARI, 2018).

A imigração italiana foi um acontecimento que influenciou, de forma significativa, a vida social, econômica e religiosa dos que viveram nas regiões em que esses povos se estabeleceram. Na região central do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, mais precisamente, nos municípios que acabaram formando a Quarta Colônia, não foi diferente. Muitos anos se passaram desde a chegada dos imigrantes italianos, demandando à sociedade esforços e responsabilidade em resguardar e preservar o legado cultural decorrente da história de um povo e de uma região, de maneira a servir de referência para as futuras gerações.

Para Bellinaso (2000), desde a chegada dos primeiros imigrantes italianos, a partir de 1870, muitas conquistas foram alcançadas e muita cultura foi gerada com a vivência em terras brasileiras, e cabe às novas gerações preservar o legado cultural deixado por esse grupo. Diante disso, um museu salvaguarda o que foi produzido pelo homem, sendo possível, nesse ambiente, reconhecer o passado e compreendê-lo, tornando-se uma forma de autoconhecimento.

Nesse contexto, encontra-se o Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM), localizado em Vale Vêneto, distrito do município de São João do Polêsine, (RS). O Museu tem três andares da Casa Paroquial, guarda mais de dez mil artefatos, entre eles, indumentárias, documentos, livros, obras de arte sacra, objetos em madeira, ferro, louça e couro, entre outros, referentes ao cotidiano das famílias italianas.

A ideia de fundar o Museu na localidade nasceu da iniciativa de Eduardo Albino Marcuzzo, que colecionava objetos do cotidiano dos imigrantes italianos, e, também das doações pelos moradores da comunidade. Por ocasião das comemorações do Centenário da Imigração Italiana no Estado, em 26 de julho de 1975, Eduardo Marcuzzo fundou o Museu, denominando-se Museu do Imigrante Italiano Padre João Iop, em homenagem ao primeiro imigrante italiano nascido (em 1878) no barracão em Val de Buia, localidade de Silveira Martins, e primeiro padre da congregação dos Palotinos do Brasil e da América do Sul, sendo inaugurado no dia 29 de outubro de 1978, ano do Centenário de Vale Vêneto (VIZZOTTO, 2014). Posteriormente, em 2012, o Museu passou a denominar-se Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM), em homenagem ao seu fundador.

A partir disso, o produto proposto neste trabalho visa contribuir para a valorização da identidade da comunidade de Vale Vêneto, divulgando os bens culturais disponíveis no MIEM, por meio dos recursos de virtualidade. Para tanto, buscaram-se referências de pesquisa na bibliografia sobre a trajetória e, sobretudo a cultura da imigração italiana na região central do Rio Grande do Sul para justificar a construção de um site para o MIEM localizado num pequeno distrito do interior do Estado.

Assim, considerando-se a falta de visibilidade do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo, questiona-se: Que contribuição as Tecnologias de Informação e Comunicação podem oferecer ao MIEM? De que forma a história da imigração italiana poderá ser contada pelo MIEM com a ferramenta internet?

Estas indagações foram os motivos na realização deste trabalho, para que o Museu seja conhecido através da internet, e possibilitar ao usuário pesquisador conhecer parte deste legado estimulando, a partir da visita virtual, a visita presencial ao Museu. Também contribuir para o desenvolvimento da região através

do turismo, bem como uma alternativa para divulgação da história da imigração italiana.

Para identificar o patrimônio local, o trabalho foi norteado pelo reconhecimento dos artefatos do Museu para serem disponibilizados no site. Assim, ao longo desta dissertação, nomeiam-se os bens culturais existentes no MIEM; descreve-se a história, menciona-se a importância e o uso dos artefatos da exposição do Museu.

A visitação presencial não é muito expressiva devido à pouca divulgação, uma vez que a pequena localidade possui pouca infraestrutura turística que facilite o fluxo de pessoas e, possuir um website facilita não somente o acesso a esse acervo tão significativo, como também sua divulgação. Desse modo, entende-se o site como uma importante ferramenta de interação entre o público e museus, pois, na maioria das vezes, o primeiro contato do visitante com um museu é por meio virtual. Desta forma, pela riqueza do acervo do MIEM, a própria visitação do site estimulará as pessoas a conhecerem pessoalmente o local.

Segundo Silva e Lisboa (2016, p. 3), “é evidente que explorar novas técnicas e instrumentos difusores do patrimônio cultural faz parte da trajetória e processo de desenvolvimento e inovação das instituições museológicas”. Assim, a Ciência da Informação pode criar mais espaços na internet para que potencialização de informações contribua para a inclusão da preservação (ZAGATTO, 2013).

Em Vale Vêneto, a própria comunidade ajuda e contribui para o funcionamento do Museu, pois são moradores locais que trabalham voluntariamente para a manutenção, a limpeza e higienização das peças do acervo, bem como no atendimento aos visitantes. Outros profissionais das áreas de Arquivologia e Engenharia Civil contribuíram voluntariamente com seus conhecimentos, pois, como membros daquela comunidade, compreendem a importância histórica e cultural do acervo. Além disso, percebe-se que a comunidade local se sente privilegiada por ver a sua história contada pela exposição organizada a partir dos artefatos que eles doaram. Com isso, torna-se evidente o acesso on-line ao patrimônio cultural, bem como à história local por pessoas de todo o mundo.

Varine (2012) destaca que o patrimônio pode ser a chave para compreender o “DNA” de uma comunidade humana, o conjunto que caracteriza a comunidade e seus participantes. Esse conceito leva, de forma determinante, ao desenvolvimento local sustentável, ou seja, é impossível um local, seja ambiente natural ou não, ser tomado

como patrimônio sem a participação daqueles que o formam, das pessoas que constituem essa identidade. Sem esses elementos, desconfigura-se sua harmonia cultural.

A partir desse conceito de Varine (2012), esta pesquisa foi construída levando em consideração que a participação da comunidade local é fundamental para a preservação do patrimônio cultural. Quanto ao MIEM, o que se percebe é o grande envolvimento da comunidade de Vale Vêneto, que manifestou o desejo sobre a criação de um site que poderá impactar diretamente suas vidas, pois uma exposição on-line não tem limites de comunicação. Portanto o Museu é como um espaço gerador de conhecimento precisa da comunicação com o público, tanto o virtual como da população visitante que poderá aprender com o acervo revivendo a sua própria história.

Assim, o universo da pesquisa está relacionado ao MIEM, exposição de caráter permanente com a finalidade de preservar e valorizar o conjunto de artefatos que o compõem, formado a partir de doações espontâneas da comunidade, de valor histórico e representativo para a Quarta Colônia de Imigrantes Italianos e região.

A metodologia utilizada partiu-se do pressuposto de que objetos são suportes de informação, e o grande desafio de um museu é preservar e conservar o objeto e dar visibilidade de informação histórica que ele contém para manter viva a memória da comunidade.

Para Gil (2011), a pesquisa é um procedimento racional e sistemático com intuito de proporcionar respostas aos problemas propostos. Neste sentido pretende-se, com esta pesquisa, dar visibilidade sobre a área do objeto de estudo, do espaço como memória, preservação e a comunicação das informações que contém o acervo do Museu. Diante disto a pesquisa científica é um meio de responder ao problema, ou seja, os meios de acesso a este acervo, devido à localização do Museu, utilizando métodos científicos para a obtenção dos resultados.

Na primeira fase realizou-se um levantamento bibliográfico referente as questões teóricas buscando nas publicações de livros e obras afins, artigos, jornais, fontes primárias, documentação institucional sobre a imigração italiana no Brasil, Rio Grande do Sul e a região envolvida que contribuíram para a fundamentação histórica sobre os temas da presente pesquisa. Após utilizou-se o procedimento metodológico

de análise dos pontos positivos do Museu e descrição do MIEM, objeto deste estudo, que serviu de base na coleta das informações “in loco” para o site.

Conforme Neves (1996), faz parte da pesquisa a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo, caso que se aplica a este estudo, uma vez que foram realizadas visitas e coleta de informações.

Para o levantamento de dados, identificou-se o acervo e coletaram-se informações nas fichas dos próprios objetos em exposição. Realizou-se uma série de imagens fotográficas das salas e a seleção de imagens dos artefatos que documentaram o site do MIEM. As fotos foram selecionadas pela autora e pela comunidade devido à sua historicidade, representatividade, antiguidade denotada nos objetos e os mais utilizados no cotidiano das famílias italianas.

As imagens que constam no produto desta pesquisa, foram fotografadas pela autora, pois o registro refere-se a um contexto-situação que se pretende comunicar no site. É um acontecimento que, por algum motivo, marcou a história registrada na imagem. Segundo Leite (2001), muitas vezes, não se recorda dos fatos, mas, por meio da fotografia, revelam-se hábitos, modos de vida que são valiosos instrumentos para relatar e reconstruir histórias da comunidade.

Para esta pesquisa, foram considerados de valor histórico as representações materializadas expostas no MIEM, as quais simbolizam cultura, usos e costumes nas suas mais diversas formas como nos artefatos, documentos, fotografias, indumentária, passaportes de valor histórico no contexto do ambiente onde encontram-se inserido. Conforme Saturnino (2014, p. 34):

O termo expografia refere-se às técnicas para concepção, organização e manutenção do espaço expositivo. Os estudos nessa área abrangem temas como circuito expositivo, iluminação, suportes, aplicação de cores, utilização de tecnologias, sinalização, comunicação visual e demais estruturas. É importante perceber que o processo de construção da mostra parte do estudo do recorte curatorial e pode funcionar melhor se preparado junto ao curador da exposição, para manter uma sintonia entre o discurso expositivo e o expográfico, pois o visual deve ser consonante ao conceito.

Transpor o museu histórico com um grande acervo para museu on-line requer bom estudo de design gráfico, pois a preocupação não é somente com quais objetos foram selecionados, mas o Designer precisa ter a visão humana para que o visitante possa ter uma experiência interessante e de valor. A forma virtual como está agora

divulgado o MIEM deu-se por meio de um estudo minucioso entre o Designer gráfico e digital, a direção do Museu, a orientadora e a autora desta dissertação, de forma planejada e organizada das informações, facilitando a visualização on-line.

Na segunda fase, na qual se referiu ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), foi elaborado o website do MIEM pela definição e organização dos conteúdos, da seleção das imagens dos principais artefatos e das salas que foram colocadas no site de forma a facilitar a compreensão do público. Salienta-se que algumas das imagens foram editadas para serem incluídas no site e que as mesmas passaram a ser utilizadas no corpo do trabalho. Também foram selecionados, programas, *layout*, navegabilidade, recursos multimídia e formas de acesso para a sua publicação.

Segundo Ricardo Pivetta, que deu o suporte técnico para o site do MIEM, o programa escolhido para a executá-lo foi o sistema de gerenciamento de conteúdo: *WordPress*¹ e *templates*² com funcionalidades de *page builder* (construtor de páginas). A ferramenta de gerenciamento permite a publicação, alteração de conteúdo e, juntamente com o *template*, possibilita a construção do site a partir de uma interface de acesso restrito. Assim, o projeto foi desenvolvido nas seguintes etapas:

Na primeira etapa, no planejamento, listaram-se os objetivos a serem satisfeitos / o briefing; fez-se o levantamento do material atual (logo, fotos e textos); definiu-se e se organizou o conteúdo (estruturação dos níveis hierárquicos de informação); realizou-se o levantamento das premissas técnicas (domínio, hospedagem). Na segunda etapa, definiu-se o *layout* e apresentaram-se os ajustes e aprovação do mesmo. Na terceira etapa, construiu-se e implementou-se o site. Após aprovado, o site foi publicado e divulgado, primeiramente, na comunidade local, que ficou satisfeita com o resultado e, posteriormente, foi disponibilizado para o funcionamento na internet, contemplando o objetivo proposto pela pesquisa.

A dissertação está estruturada da seguinte forma: na introdução, apresenta-se o MIEM, a contextualização do tema apresentando, a sua relevância para o desenvolvimento regional, o problema da pesquisa, bem como o objetivo da sua constituição e a metodologia de criação do site do MIEM. No segundo capítulo,

¹ *WordPress*, software gratuito para publicação e gerenciamento de conteúdo web (CMS), escrito em PHP com banco de dados MySQL. Atualmente, é uma das plataformas de gerenciamento de conteúdo mais utilizada no mundo.

² *Templates* são estruturas de sites, pré-concebidas, fornecidas por terceiros, que facilitam, agilizam e diminuem o custo de desenvolvimento e implementação de um novo *site*.

abordam-se os assuntos relacionados ao objeto da pesquisa, apresentando-se o contexto histórico da imigração da Itália para o Brasil, o surgimento da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, sobretudo Vale Vêneto, local em que está inserido o Museu. O terceiro capítulo refere-se aos conceitos e à fundamentação histórica do patrimônio cultural dos museus e a descrição do MIEM, enfatizando-se as salas de exposição. No quarto capítulo, apresenta-se a respeito da nova realidade dos museus na internet e a apresentação do produto, os resultados obtidos com a elaboração do site do MIEM. Por fim, tem-se a conclusão, que reúne as reflexões finais acerca do que foi desenvolvido ao longo do trabalho, a partir do que foi proposto enquanto objeto de estudo da pesquisa.

2 IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

Neste capítulo, aborda-se o contexto histórico sobre as circunstâncias do imigrante italiano em seu país de origem, a Itália, até sua vinda para o Brasil, assim como o interesse do Governo Imperial Brasileiro na colonização do país, prometendo terras atraindo milhares de italianos. Descreve-se, também, a origem da Quarta Colônia de Imigração Italiana no RS, e como os imigrantes chegaram a terras remotas no sul do país, vindo instalar-se numa região montanhosa, semelhante à própria terra natal, hoje denominada Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, cenário ideal para a construção de uma nova história para muitos imigrantes. Apresenta-se, ainda, a identidade dos imigrantes italianos, seus costumes, suas tradições e a influência da religião em suas vidas.

Na sequência do capítulo, aborda-se a formação do núcleo colonial de Vale Vêneto, hoje distrito do município de São João do Polêsine. Essa localidade se destacou pela religiosidade, cultura e educação, sendo um dos expoentes da cultura italiana na região, e abriga o MIEM, objeto desta pesquisa.

2.1 DA ITÁLIA PARA O BRASIL

A migração entre locais é comum ao ser humano desde a pré-história, sendo apenas a partir da prática da agricultura que o homem passa de nômade a sedentário. Mesmo assim, o homem muda de local para melhor adaptar-se perante as mudanças climáticas, melhorando seus cultivos e sua forma de viver. Dessa forma, pode-se dizer que é inerente do ser humano a vontade e a capacidade de mover-se quando da necessidade ou vontade de melhorar. Além das guerras, epidemias e intempéries, mudanças sociais e econômicas também fizeram o ser humano mover-se pelo espaço territorial em busca de melhores condições.

Quais são os motivos que levam uma pessoa a deixar sua terra? Quer seja a falta de recursos naturais ou financeiros, questões políticas, religiosas, ambientais ou a busca de conhecimento, são tantos os motivos cujo desafio sempre existe, mas a esperança de um futuro melhor sempre supera o medo, levando o ser humano a avançar. Quando os imigrantes italianos vieram para o Brasil em busca de novas

perspectivas de vida, não foi diferente. Entusiasmados pela expectativa de um futuro melhor, deixaram sua terra natal para se aventurar na “Mérica³”.

De acordo com Santin (1986), esse termo refere-se a uma canção que os imigrantes cantavam e que, depois, transformou-se no hino da imigração: “*Mérica, Mérica, Mérica*”. Nos versos da canção, pode-se compreender toda a força, as incertezas e a tristeza daquele que parte para sempre: “...*cosa sarà esa Mérica?*”. Para o autor, é o “grito angustiado de quem balança duvidosamente a cabeça, de quem quer decifrar o futuro, de quem quer compreender o mistério, de quem espera uma prova para se convencer de que vale a pena partir” (p. 15).

O fenômeno emigratório ocorrido na Itália entre os séculos XIX e XX esteve associado a fatores sociais, econômicos e políticos, que propiciaram o deslocamento de milhares de italianos para a América. Alguns desses fatores, segundo Giron e Herédia (2007), foram o esgotamento da terra, as crises agrícolas, o desfloramento, a política comercial e a política fiscal.

A Itália condenava as classes mais populares à fome e à miséria. Para aumentar as dificuldades, o governo sobrecarregava de impostos os camponeses que arrendavam as terras e que não tinham condições de conseguir novas tecnologias para o setor agrícola. Portanto, falta de capital, ausência de terras e de matéria-prima foram os principais fatores que incentivaram a emigração italiana (GIRON; HERÉDIA, 2007).

A maioria eram pobres camponeses que trabalhavam na terra para tirar o seu sustento e viam as condições climáticas prejudicar as colheitas, piorando ainda mais a situação. Lorenzoni (1975), um imigrante italiano que viveu num lugarejo chamado Vêneto, na Itália, relatou que, a cada ano, lamentava-se uma desgraça, chuvas torrenciais, tempestades ou secas prolongadas, prejudicavam a colheita dos cereais de primeira necessidade, que cada vez se escasseavam mais, tornando a vida uma verdadeira luta.

Contudo, Righi et al. (2001) mencionam que a miséria não foi o único fator que levou os italianos a preferirem pela emigração. As transformações sociais e políticas ocorridas na Europa, formando um excedente populacional, como resultado da Revolução Industrial, conduziu aqueles que se aventuraram pelos mares em busca de novos meios de subsistência e novas terras.

³ Mérica: termo do dialeto italiano que se refere a América.

Segundo Costa et al. (1986), as pressões socioeconômicas que assolavam a Itália, após mais de 20 anos de luta pela unificação, fizeram a população, principalmente a rural e mais pobre, ter dificuldades para sobreviver tanto no campo quanto na cidade. Dessa forma, milhares de italianos deixaram sua pátria em busca de melhores condições de vida na distante terra chamada Brasil. Todos os autores são unânimes em descrever que houve emigração de todas as regiões da Itália, começando pelos italianos do Norte, que se destinavam à agricultura, e, posteriormente à indústria. Os emigrantes advindos do sul da Itália tinham preferência por estabelecer-se nas cidades.

Giron e Herédia (2007) salientam que a emigração teve resultado positivo para a Itália, porque movimentou a economia italiana e propiciou melhorias sociais. As companhias de navegação lucravam com a venda de passagens, de alimentação nos postos, e também, mais tarde, os bancos se beneficiaram com a remessa de dinheiro para os parentes que ficaram no país. Diante desse contexto, a esperança de que as condições de trabalho e de vida melhorassem eram remotas, então, numerosas famílias decidiram emigrar. A promessa de que, no Brasil, havia muita terra tornou-se ainda mais significativa, pois a maioria dos imigrantes eram de origem agrária:

Enviados do Governo Brasileiro dirigiram-se à Europa, buscando atrair imigrantes. Além das promessas ilusórias como “El Dorado” e a “Cucagna”, ofereciam-se gratuitamente, aos candidatos, entre outras coisas, viagem para as colônias, lote rural, assistência médica, sustento por um determinado período, auxílio financeiro, semente e animais, liberdade religiosa e nacionalização imediata. Essas disposições foram cumpridas apenas em parte (BATTISTEL, 1981, p. 15).

Assim, enquanto na Itália acontecia o auge da crise socioeconômica, no Brasil tudo se encaminhava para o fim da escravidão e o governo brasileiro buscava atrair a mão de obra dos imigrantes com fortes campanhas publicitárias. Fascinados pelas propagandas, os camponeses italianos começaram a devolver os arrendamentos das terras aos proprietários e a vender os seus pertences a fim de obter recursos para pagar a viagem e as despesas com a travessia (COSTA et al., 1986).

De acordo com Bellinaso (2000), as viagens eram difíceis e as pessoas ficavam amontoadas, havia pouca alimentação e falta de higiene. Não raras eram as mortes, e os cadáveres, enrolados em lençol, eram jogados no mar. Depois da longa travessia, finalmente chegavam ao Brasil, deparando-se com uma realidade diferente da qual sonhavam:

A grande maioria dos italianos, ao chegar a América, não viu o fim, mas o aumento das privações. Em qualquer país que desembarcassem, se apresentavam como trabalhadores, viam-se tratados pelos interesses de quem procurava apenas braços para o trabalho; se vinham como colonos, esperavam-nos as matas, onde o desamparo era uma constante (DE BONI; COSTA, 1982, p. 99).

Os imigrantes trouxeram, em sua bagagem, mais do que a vontade de trabalhar e prosperar, mas também sua cultura e forma de vida. Muito ligados à religiosidade, eles construíam suas igrejas ao mesmo tempo que suas moradias, incorporando elementos regionais nas suas práticas diárias. Além da religião, seus costumes culinários, sua alegria e seus dialetos permanecem incorporados na linguagem brasileira.

2.2 A QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL

Os primeiros imigrantes italianos que chegaram ao Brasil foram direcionados para a Região Sudeste, essencialmente, para substituir a mão de obra escrava nas lavouras de café e para a Região Sul, onde formaram as colônias, assim conhecidas como as terras concedidas pelo governo.

Conforme Costa et al. (1986), os imigrantes, ao chegarem a São Paulo, aguardavam mais alguns dias, pois reuniam um número considerável de imigrantes para embarcar em um navio com destino ao Rio Grande do Sul. Terminada essa etapa da viagem, restava ainda a viagem em charretes, conduzidas por mulas ou bois até chegarem nas colônias.

Segundo Bellinaso (2000), com o objetivo de fixar os imigrantes italianos, foram criadas as colônias italianas, onde cada família receberia 25 hectares a um preço acessível. A primeira colônia criada denominou-se Conde D'Eu (hoje, Garibaldi). Posteriormente, uma segunda colônia foi demarcada, Dona Isabel (hoje, Bento Gonçalves). A terceira foi chamada de Fundos de Nova Palamira ou Campo dos Bugres (hoje, Caxias do Sul), sendo as três colônias localizadas na Serra Geral no nordeste do Rio Grande do Sul. No mesmo ano, em 1877, o governo Imperial fundou, no RS, o Núcleo Colonial de Santa Maria da Boca do Monte, quarta área colonizada por imigrantes italianos, que passou a chamar-se, em 1878, de Colônia Silveira Martins, em homenagem ao Senador Gaspar da Silveira Martins, localizada na região central do estado, em Val de Buia, localidade de Silveira Martins.

A história dos primeiros imigrantes italianos da ex-colônia de Silveira Martins, segundo Santin (1999), era a mesma dos pioneiros, que, em 1875, haviam se fixado nas outras três colônias da Serra Gaúcha.

Os dramas vividos, ainda na Itália, os momentos da decisão de emigrar, as angústias da separação para sempre diante das perspectivas de uma viagem *senza ritorno*, as dificuldades do embarque em navios inadequados e superlotados, as terríveis peripécias, da travessia, as decepções, e o abandono na chegada em meio a florestas e sem os benefícios prometidos, quando ainda em solo italiano pelos agentes da emigração, e, no Brasil, pelos administradores das Colônias, constituíram o triste cotidiano dos imigrantes das quatro colônias em seus anos iniciais (SANTIN, 1999, p. 14-15).

Assim, a constatação do cenário, no momento da chegada dos imigrantes italianos, não condizia com as informações apresentadas nas propagandas feitas pelos agentes de imigração.

Eis que chegaram finalmente ao destino. Ao tão sonhado eldorado da América, essa América que lhes pintaram risonha de esperanças e promessas. O país da *cucagna*. E como lhes apresentava agora essa América? Na forma de uma pequena clareira no mato, ao sopé de uma cadeia de montes. E as lindas casas de seus sonhos se transformaram num barracão de 40 metros de comprimento, por seis de largura, coberto de zinco (BONFADA, 1991, p. 14-15).

Segundo De Boni e Costa (1982), não havia conforto, nem vizinhos por perto, as vias de comunicação eram inexistentes, os instrumentos de trabalho eram poucos e a roupa do corpo era a única que tinham e estava se acabando, não havendo, muitas vezes, a possibilidade de adquirir outro tecido para vestir-se. Diante disso, os imigrantes italianos abrigados no local denominado Barracão em Val de Buía sofriam com as condições precárias de higiene, a pouca alimentação, sem o mínimo de infraestrutura. Além disso, uma epidemia instalou-se no local, causando a morte de muitos imigrantes. De acordo com Bonfada (1991), foram aproximadamente 400 mortos, entre adultos e crianças.

Com esse acontecimento o governo imperial agilizou a demarcação e distribuição dos lotes. Ainda segundo Bonfada (1991), o responsável por inspecionar a colônia na época, vendo aquela trágica situação, deu ordem à comissão do governo imperial para acelerar a demarcação das terras, distribuindo-as o mais rápido possível. Apressou também a formação do plano topográfico e obrigou os vendedores a fornecerem às famílias os instrumentos necessários, bem como sementes para o

plântio. A cada chefe, mandou entregar uma quantia em dinheiro para a construção de uma casa de madeira.

Assim, a espera pela distribuição dos lotes chegava ao fim e o sonho da terra própria finalmente tornava-se realidade. Segundo Lorenzoni (1975), os colonos, ao chegarem a seu lote, procuravam abater a vegetação que fechava e assombreava tudo, abriam uma clareira e tratavam de armar uma cabana com paus a pique, coberta por folhas de palmeira, que serviria como primeiro abrigo para as suas famílias, e desse modo foram se acomodando sem nenhum conforto. Quanto aos alimentos, eram trazidos do barracão e tinham que durar, pelo menos, uma semana. Em seguida, começaram as plantações, a criação de animais e a vida dos colonos aos poucos ia melhorando.

Nos primeiros tempos, tudo se apresenta monótono, idêntico e repetitivo. As decepções diante de um mundo desconhecido, o sentimento de abandono, o refúgio em Deus, as lembranças do mundo familiar deixado irremediavelmente para trás; depois o contentamento diante da abundância das colheitas e das mesas fartas, por fim o apego diante de uma nova pátria que ia lentamente surgindo (SANTIN, 1999, p. 15).

Para Santin (1986), na consciência de cada imigrante, havia uma ideia fixa de que o progresso só acontecia à medida que era promovido, portanto, não se podia parar. Os colonos que eram católicos tinham os seus critérios para buscar as condições necessárias e, entre elas, estava a presença de um sacerdote, ou seja, a exigência de um atendimento espiritual.

Assim, diante das provações e dificuldades, os colonizadores italianos encontraram, na religiosidade, o suporte para amenizar o seu sofrimento e manter a esperança de uma vida melhor. De acordo com Battistel (1981), a religião era uma forma de manter-se fiel ao propósito de trabalho, acreditando, esse povo, que, por meio dos seus esforços, atingiriam, mais rapidamente, os propósitos de Deus em sua vida, conservando a retidão de caráter.

Santin (1986) menciona que uma bela igreja era considerada símbolo de progresso e orgulho, a presença do padre era a garantia de crescimento, porque as frequências nos atos do culto movimentavam um grande número de fiéis, especialmente aos domingos e em dia de festas. Com isso, garantia-se o desenvolvimento de uma boa venda, bem como outros estabelecimentos industriais e comerciais.

A igreja, além de realizar os ritos com missas, batizados, casamentos e festas paroquiais, também era o ponto de encontro entre os imigrantes, que mantinham as tradições trazidas da terra natal. O lugar para rezar em comum era estabelecido assim que os colonos chegavam ao local, antes mesmo de providenciarem suas moradias. Geralmente, as capelas tinham melhores condições que as próprias residências (BATTISTEL, 1981). Para os imigrantes, uma vez estabelecidos, com terra e saúde, só havia a preocupação com a vida eterna, sendo a solidariedade e a hospitalidade entre amigos, vizinhos e parentes outra grande marca deste povo (Ibid.).

Segundo Costa et al. (1986), a agricultura familiar de subsistência em pequena propriedade era a base da produção das colônias. Cultivavam milho, feijão, trigo, arroz, amendoim, cebola entre outros produtos contribuindo para o crescimento da região como um todo. No entanto, em relação à saúde dos imigrantes, Costa et al. (1986, p. 36-37) citam um fator bastante relevante:

Constatou-se em sentido de valentia generalizada por parte dos imigrantes, expressa na coragem de enfrentar as intempéries, as chuvas, os frios e de não dar importância a doenças comuns. [...] a preocupação do italiano era o trabalho para conseguir um lugar ao sol. Pensar em doença seria pensar em fracasso.

As famílias dos imigrantes começaram a aproveitar o tempo livre que possuíam para atividades de lazer e entretenimento, com jogos, canto, filó e festas. Segundo De Boni e Costa (1982, p. 163), “os jogos típicos dos descendentes de italianos, aos domingos, eram a ‘mora⁴, a bocha e o baralho”. O filó era uma forma de encontro, no qual as famílias se reuniam para conviver, comer e cantar, sendo que, junto a esse ambiente, mulheres também realizavam trabalhos artesanais com palha de trigo e milho.

Conforme Costa et al. (1986), a linguagem contribuiu para manter viva a trajetória, a memória histórica e os possíveis vínculos familiares desde a região do país de origem, a Itália. No Brasil, por não haver necessidade de falar a língua portuguesa, falavam um italiano familiar com gírias e palavras que elaboravam para poderem se comunicar, o dialeto da região de origem. Também preservavam o canto,

⁴ Antigo jogo italiano praticado entre duas pessoas e que consiste em abaixar, ao mesmo tempo, o punho direito, abrindo um ou mais dedos e girando um número entre dois e dez. Se o número gritado corresponde à soma dos dedos abertos, o ponto é de quem adivinhou.

os ditados populares, que trouxeram consigo e são cultivados ainda hoje. Portanto, para o colono italiano era mais importante conviver do que ter.

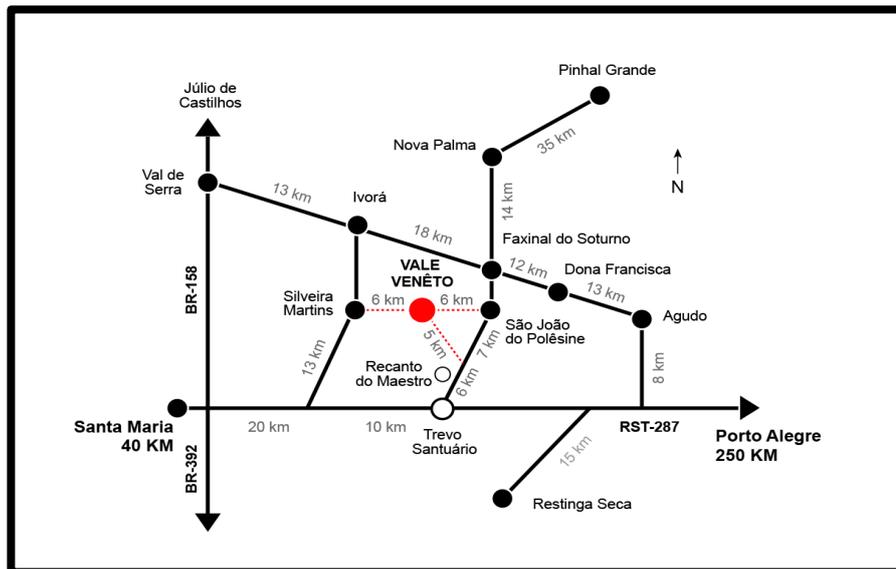
Os imigrantes tornaram a região da Quarta Colônia o seu novo mundo, “tendo a fé por escudo e o trabalho por bordão, fizeram nascer uma nova Itália, sob as mesmas históricas tradições” (MARCUIZZO, 1982, p. 15). Nessa região, a marca da colonização italiana é mais forte. Embora, com o passar dos anos, a cultura italiana trazida pelos colonizadores tenha se modificado, muitos desses costumes são mantidos e preservados por seus descendentes, como a culinária, as festas, a religiosidade, a arquitetura e as tradições, sendo um forte atrativo turístico e cultural para a região.

Em 1882, a região da Quarta Colônia perdeu sua condição de colônia imperial e se dividiu entre os municípios de Santa Maria, Cachoeira do Sul e Júlio de Castilhos. Atualmente, a Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul é formada pelos municípios de Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins, localizados na região central do estado do RS.

2.3 VALE VÊNETO: UM MARCO DA CULTURA ITALIANA

Vale Vêneto foi o primeiro núcleo colonizador a ser formado na Quarta Colônia, hoje denominado Distrito Turístico do município de São João Polêsine. Situa-se na região central do estado do RS, a uma distância de 40 km de Santa Maria e seis quilômetros de Silveira Martins.

Figura 1 – Mapa do distrito de Vale Vêneto, São João do Polêsine – RS



Fonte: Site do MIEM: <<http://www.museudoimigranteitaliano.org.br>>.

Inicialmente, Vale Vêneto, era conhecido, segundo Righi et al. (2001), como “Buraco”, pois o local era cercado de montes, com declives acentuados em relação à sede da Colônia de Silveira Martins. Conforme Bellinaso (2000), a fundação de Vale Vêneto aconteceu em 20 de maio de 1878, com a chegada dos primeiros imigrantes, aproximadamente 11 famílias de sobrenome Dotto e Possebom. A maioria eram italianos oriundos da região do Vêneto, no norte da Itália. No mesmo ano, 20 de outubro, chegaram ao Vale mais 36 famílias lideradas por Paolo Bortoluzzi, considerado o fundador de Vale Vêneto. A família Bortoluzzi era numerosa e possuía uma situação financeira mais favorável do que as outras famílias, eram donos de um moinho e de uma bodega⁵, sendo que o local passou a ser chamado de “Vale dos Bortoluzzi” (RIGHI et al., 2001, p. 89).

Bonfada (1991) menciona que nem todos estavam contentes com o nome, pois a localidade não era formada apenas pela família Bortoluzzi. Assim, pediram ao Padre Antônio Sório, pároco do local, uma reunião para realizar a troca do nome. Depois de muitas discussões, foi proposto, por alguns moradores, o nome Vênetta. O sacerdote concordou, e no dia 08 de dezembro de 1881 sugeriu que o local fosse chamado de “Val Vênetta”, por se tratar, geograficamente, de um lindo Vale, e a maioria dos

⁵ Pequeno estabelecimento comercial, onde se vendia alimentos, bebidas e pequenos utensílios.

italianos serem procedentes da região de Vêneto do norte da Itália. Em 1909, o Bispo de Porto Alegre, Dom Cláudio Ponce de Leão, em visita à localidade, sugeriu que o nome passasse para o português, denominando-se Vale Vêneto.

Ao chegarem ao local, os imigrantes começaram a desmatar, plantar e construir suas casas. De acordo com Bonfada (1991), a vida social começava timidamente e os laços de amizade iam se formando por meio de visitas, do empréstimo de ferramentas e da ajuda recíproca nos trabalhos. Junto com a vontade de trabalhar e vencer, trouxeram a fé nos Santos e em Deus, na qual se apoiavam para suportar os sofrimentos e as dificuldades impostas nessa nova terra. Liderados por Paolo Bortoluzzi, construíram uma capela de madeira em homenagem a São Francisco, onde foi celebrada a primeira missa em 18 de maio de 1879, pelo padre José Marcelino de Souza Bittencourt (BELLINASSO, 2000).

Além da construção da capela, passaram a mobilizar-se para conseguir um padre que se fixasse em Vale Vêneto, porque não queriam apenas visitas esporádicas de sacerdotes. Vizzotto (2014, p. 58) cita que “essa era uma das preocupações das famílias que se instalaram na região da Quarta Colônia, mais precisamente em Vale Vêneto.” Havia sempre a necessidade da presença constante de um sacerdote, pois este seria o responsável por zelar pela espiritualidade da comunidade.

Em 1879, chegava a Vale Vêneto, Antônio Vernier, amigo de Paolo Bortoluzzi, que, ao ver as dificuldades e a inquietação dos imigrantes em conseguir um padre fixo para atendê-los, ofereceu-se como intermediário para buscar dois sacerdotes que tinha conhecido na Itália e que desejavam emigrar para a América (BONFADA, 1991).

Assim, as lideranças e o povo de Vale Vêneto se reuniram e decidiram pagar os custos de viagem para Antônio Vernier, bem como as despesas dos padres que viessem. Depois de um longo período de espera, finalmente, em 1881 desembarcaram, em Porto Alegre, os Padres Vitor Arnoffi e Antônio Sório. Não encontrando ninguém que os esperava, decidiram se hospedar em um hotel. Como o dinheiro estava acabando, o Padre Arnoffi resolveu partir para Vale Vêneto a procura de Paolo Bortoluzzi, ficando o Padre Sório como “refém” até que fosse paga a dívida no hotel. Uma comissão formada pelos líderes do Vale Vêneto, Paolo Bortoluzzi e de Silveira Martins, Próspero Pippi, partiram para a capital gaúcha. Após pagarem as despesas com o hotel, dirigiram-se ao bispo Dom Sebastião Dias Laranjeiras. Tinha sido acordado entre os líderes que Próspero Pippi falaria em nome da comissão por

dominar melhor o idioma. Ao perceber a intenção de manter os dois padres em Silveira Martins, Paolo Bortoluzzi protestou, dizendo que os padres tinham vindo com o dinheiro do povo de Vale Vêneto, começando, assim, a discussão. Para acabar com o impasse, o bispo determinou que um deles ficaria em Silveira Martins e outro em Vale Vêneto. Assim, Padre Arnoffi preferiu ficar em Silveira Martins e Padre Sório ficou em Vale Vêneto. Os sacerdotes foram recebidos com festa pelos colonos, pois, finalmente, chegavam dois padres de sua língua para residirem em seus meios. Contudo, essa alegria não durou muito tempo, já que, alguns anos depois, o Padre Arnoffi morreu e o Padre Sório foi transferido para Silveira Martins (RUBERT, 2003, p. 25-33).

De acordo com Righi et al. (2001), a transferência de Padre Sório e os constantes atritos fizeram com que uma nova comissão fosse reorganizada e deslocada a Porto Alegre a fim de solicitar novo sacerdote para atender Vale Vêneto. Após diversos contatos e a intervenção do Consulado Italiano, foi designado para Vale Vêneto o Padre Anselmo de Souza, que, por problemas de saúde, precisou se afastar. Segundo Bonfada (1991, p. 38) no tempo das desavenças com o padre Sório, Luis Rosso e Paolo Bortoluzzi, líderes de Vale Vêneto, escreveram a Antônio Vernier, na Itália, para que mais uma vez procurasse “sacerdote bons e virtuosos” e que, de preferência, “pertencessem a alguma Ordem ou Congregação”.

Righi et al. (2001) relatam que, em 1885, o Conselho Geral dos padres Palotinos enviou, para Vale Vêneto, o padre Guglielmo Whitmee com a finalidade de analisar as reais necessidades do povo para incluir, na localidade, uma ordem palotina. Dessa maneira, em 1886, chegava, a Vale Vêneto, os primeiros padres palotinos, iniciando-se, assim, a fundação da primeira comunidade palotina na América do Sul.

Portanto, devido a essa força espiritual que havia nos colonos italianos, Vale Vêneto destaca-se pela religiosidade, identificada na construção de diversas capelas, capitéis, calvário, igrejas, grutas religiosas e escolas organizadas pelos padres.

Diante disso, Santin (1986) elucida que Vale Vêneto foi considerado, por muito tempo, o centro cultural, religioso e educativo da região graças aos primeiros padres palotinos terem fundado, em 1892, os dois maiores internatos do Estado, o Seminário Rainha dos Apóstolos, para a formação de sacerdotes e irmãos, considerado a Décima Casa Palotina no mundo, o Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, para a

formação religiosa das moças, das irmãs da congregação do Imaculado Coração de Maria e, também educação e ensino para todos.

Segundo Vizzotto (2014), atualmente o Seminário Rainha dos Apóstolos denomina-se Centro Cultural Rainha dos Apóstolos e realiza outras funções. O Ginásio Nossa de Lourdes, designada Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes serve como pousada para cursos, lazer, seminários entre outros eventos e, também aluga alguns espaços para a Secretaria de Educação do Estado, onde atua a Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rafael Iop. Sendo assim, dois importantes marcos que fazem parte da história de Vale Vêneto e ainda locais atrativos para os visitantes (Figura 2 e Figura 3).

Figura 2 – Centro Cultural Rainha dos Apóstolos, em Vale Vêneto



Fonte: <https://www.google.com/search?q=imagens+de+vale+veneto&safe=active&ssui=on>. Acesso em: 10 dez. 2018.

Figura 3 – Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes, em Vale Vêneto



Fonte: <https://www.google.com/search?q=imagens+de+vale+veneto&safe=active&ssui=on>. Acesso em: 10 dez. 2018.

Dentre os pontos turísticos mais visitados em Vale Vêneto, está o Monte Calvário (Figura 4), que teve infraestrutura construída em 1913 pela comunidade. Todas as Sextas-Feiras Santas, a população percorre as 14 estações da crucificação de Cristo, sendo a procissão um dos acontecimentos religiosos de maior tradição da comunidade. Está localizado num lugar privilegiado, a, aproximadamente, 100 metros de altura em relação ao povoado, que proporciona ao visitante uma bela imagem do distrito (SECRETI, 2004).

Figura 4 – Monte Calvário, em Vale Vêneto



Fonte: <https://www.google.com/search?q=imagens+de+vale+veneto&safe=active&ssui=on>. Acesso em: 10 dez. 2018.

Outro local de destaque religioso é a Gruta Nossa Senhora de Lourdes (Figura 5), encontrada à beira da estrada, a um quilômetro do povoado de Vale Vêneto, que liga Silveira Martins e Vale Vêneto, os dois núcleos mais antigos da imigração italiana. A Gruta surgiu de uma promessa do Padre Pedro Luiz Bottari, em 1941, devido a uma grande enchente que causou desmoronamento de terras e deslocamento de rochas, podendo atingir o Colégio das Irmãs e o povoado. As chuvas cessaram e a comunidade realizou a promessa do Padre, construindo a Gruta, que foi inaugurada em 24 de maio de 1942, pelo Monsenhor Pascoal Librelotto, que na ocasião representou o Bispo Dom Antônio Reis. Desde então, nunca mais houve deslizamento. Anualmente, comemora-se, no segundo domingo de fevereiro, a Festa da Gruta, a qual atrai muitos devotos para sua romaria, de onde partem em procissão da Igreja Matriz *Corpus Christi* até a Gruta, e, depois, realizam as celebrações e o tradicional almoço. A Gruta guarda pedidos de fiéis que por devoção deixam registrado, em placas, as graças alcançadas (NARDI, 2007).

Figura 5 – Gruta Nossa Senhora de Lourdes, em Vale Vêneto



Fonte: <https://www.google.com/search?q=imagens+de+vale+veneto&safe=active&ssui=on>. Acesso em: 10 dez. 2018.

A Igreja Matriz *Corpus Christi* (Figura 6), localizada no centro do povoado de Vale Vêneto, possui um extenso gramado, tornando-a ainda mais majestosa com sua torre imponente que demorou 20 anos para ser construída. Foi inaugurada e

consagrada a *Corpus Christi* no dia 12 de novembro de 1909 pelo Bispo de Porto Alegre, Dom Cláudio Ponce de Leão (FELIN, 2013).

Comemora-se, em junho, no dia de *Corpus Christi* a festa do seu padroeiro. Fiéis de toda a região participam da cerimônia religiosa, levando o Santíssimo na procissão, sobre tapetes ornamentados nas escadas e gramados no átrio da igreja, feitos pela própria comunidade. Após a cerimônia, é servido, no salão paroquial, o tradicional almoço italiano.

Figura 6 – Igreja Matriz *Corpus Christi*, em Vale Vêneto



Fonte: <https://www.google.com/search?q=imagens+de+vale+veneto&safe=active&ssui=on>. Acesso em: 10 dez. 2018.

Além das construções religiosas, Foletto (1998) cita que, em Vale Vêneto, foram construídos cerca de 42 sobrados, dos quais hoje ainda 20 sobrevivem, sendo os primeiros construídos de barro, depois de pedra e, posteriormente, os de tijolos cozidos. Procuravam, sempre, construir a moradia perto de um córrego ou uma fonte que não faltasse água. As próprias demarcações dos lotes já incluíam um riacho. Essas construções permitem o visitante compreender a forma de vida, suas dificuldades, seu trabalho e sua luta para sobreviver e deixar um legado.

Vale Vêneto cultiva e conserva o espírito alegre de suas tradições, como as festas religiosas da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, *Corpus Christi* (padroeiro da paróquia), São Valentin e Sant'Ana. Há festas de famílias, dos ex-alunos e outras relacionada a cultura italiana, como a Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto e o Festival Internacional de Inverno da UFSM, uma semana dedicada à rememoração

das tradições. Essas comemorações incluem a boa gastronomia italiana, composta pelos principais pratos típicos: sopa de *agnolini*⁶, risoto, pão colonial, polenta, queijo, galeto, *fortaia*⁷, vinho artesanal produzido pelos moradores do local, *cuca*⁸ e salada de *radic*⁹ (conforme folder da Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto e do Festival Internacional de Inverno da UFSM).

Diante desse contexto, Vale Vêneto é conhecida hoje como um Polo Cultural e Turístico da Quarta Colônia de Imigrantes Italianos. As belezas naturais, a tradição, a gastronomia, o artesanato, a arquitetura das casas, a religião, o dialeto Vêneto, ainda falado por muitos moradores da região, são riquezas trazidas pelos imigrantes e que estão representadas nos pontos turísticos encontrados no Vale, movimentando e atraindo muitos turistas para desfrutarem dessa cultura.

Portanto, o Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo é um dos locais mais importantes a serem visitados. A fundação, o desenvolvimento, a história e a memória da colonização italiana de Vale Vêneto podem ser conhecidos em artefatos, fotografias e documentos expostos nesse Museu, preservado pela comunidade.

⁶ Sopa feita de massa recheada com salame ou frango.

⁷ Prato típico italiano composto por ovos mexidos, salame italiano e queijo.

⁸ Tipo de pão doce com cobertura de farofa de farinha, açúcar e nata de leite.

⁹ Verdura geralmente temperada com vinagre tinto e torresmo de porco.

3 O PATRIMÔNIO CULTURAL E A CONSISTÊNCIA DE INFORMAÇÕES HISTÓRICAS DOS MUSEUS

Neste capítulo, apresentam-se conceitos de patrimônio cultural e uma compreensão do patrimônio de uma sociedade, que é essencial para a preservação como memória coletiva. Vale Vêneto possui um patrimônio cultural que serve de referência para a pesquisa, para entender o passado e para que os frutos de seus imigrantes possam compreender a si mesmos a partir desses registros. Saber de onde vieram, como pensavam e sentiam os antepassados é primordial para se ter consciência, hoje, da própria forma de ser.

Além disso, aborda-se uma breve reflexão sobre a história e o valor dos museus e, diante desse contexto, o Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo, que preserva a memória de um passado histórico e cultural, sendo foco deste estudo.

3.1 CONCEITOS E FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA

A passagem do homem sobre a Terra é conhecida graças aos vestígios que ele deixa no transcorrer da história. Desde as pinturas rupestres no Neolítico, passando pelos tesouros encontrados em sítios arqueológicos, chegando à capacidade de organizar coleções em espaços de contemplação, pode-se conhecer como o homem viveu, pensou e se estabeleceu. Refletir sobre esses processos e buscar sua compreensão ajuda a entender quem eram os antepassados e o que deles continua vivo ainda hoje. Quando se compreende esse entrelaçamento da memória entre passado e presente, dá-se conta que muito do que foi vivido continua a existir nas pessoas, no cotidiano, e pode ajudar na construção de um futuro melhor.

Assim, pode-se conhecer o passado por meio do patrimônio preservado, que se constitui de um grande valor para o homem, pois, ao acessá-lo, tornando-o presente, compreende-se a própria cultura e os próprios valores. Nesse sentido, Meira (2008, p. 16) diz que:

O passado pode chegar até nós através de discursos, objetos, sons, palavras, cheiros, documentos, arquiteturas. Esses vestígios são representações do passado, fazem a mediação entre presença e ausência, e transmitem a sensação de estar no lugar do passado. Em particular, o patrimônio cultural material torna perceptível esse passado ao exibir uma ordem do tempo no espaço. Confere profundidade visível, especialmente no espaço urbano, à existência da sociedade.

Diante disso, o patrimônio cultural representa a memória, o testemunho da história dos antepassados, seja ele individual ou coletivo, que, por meio dos usos e costumes, dos valores simbólicos e do modo de viver deixaram seus registros, material e/ou imaterial. Para uma melhor compreensão, buscou-se, na literatura, a compreensão do significado da categoria patrimônio cultural, sobretudo para os imigrantes italianos de Vale Vêneto.

Conforme Meira (2008, p.19), a palavra patrimônio vem do latim “*patrimonium* e está relacionado a paterno e a pátria”, enquanto patrimônio cultural refere-se à “cultura produzida pelo homem”. Isso remonta ao conceito de cultura produzida pelo homem e sua relação com a pátria e as origens.

De acordo com Rodrigues (2012), o patrimônio cultural pode ser compreendido como o conjunto de bens imateriais e materiais, considerados de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo dos valores que ele congrega. Ele faz recordar o passado, pois constitui uma manifestação, um testemunho, uma invocação dele. Tem, portanto, a função de (re)memorar os acontecimentos mais importantes, remetendo ao conceito de memória social.

Portanto, o patrimônio cultural pode representar, simbolicamente, a identidade e a memória de um povo e de uma comunidade por meio de um conjunto de bens culturais, como monumentos, igrejas, artefatos, usos e costumes, que, quando analisados na sua função, utilidade, forma, historicidade, podem oportunizar o conhecimento do passado e, conseqüentemente, a produção do conhecimento e compreensão do presente.

A palavra “matéria” deriva do latim, *materies*, e trata da substantivação de “mãe”: “Passou a designar algo bem concreto: a madeira (que a tudo alimenta, como a mãe)” (PELEGRINI; FUNARI, 2013, p. 26). Em conjunto com o termo “cultura”, resultou no conceito de “cultura material”, como a “totalidade do mundo físico apropriado pelas sociedades humanas” (Ibid., p. 26). Assim, o objeto desta dissertação refere-se ao patrimônio cultural material preservado por uma comunidade de imigrantes e seus descendentes italianos, relacionado aos cotidianos daquelas famílias na comunidade de Vale Vêneto.

Oliveira (2008) destaca que o patrimônio pode ser preservado de várias formas, sendo os museus um espaço de grande valor para a preservação. Neles, são guardados os bens passíveis de representar os modos de viver da cultura que se está

preservando. Assim, esses objetos continuam sendo importantes, como um arquivo de informações que podem ser consultados a qualquer instante.

Dessa forma, os museus estão intrinsecamente ligados ao patrimônio cultural, pois guardam elementos representativos da memória coletiva por meio de símbolos materiais e imateriais. Portanto, promover ações que deem visibilidade aos museus é uma forma de valorizar e divulgar o patrimônio cultural existente nos grupos sociais.

Evoluindo seus conceitos concomitante à passagem do tempo, a instituição museu ganha novas formas e conceitos, como bem exemplificam Desvallées e Mairesse (2013, p. 64):

O termo “museu” tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do homem e do seu meio. A forma e as funções do museu variaram sensivelmente ao longo dos séculos. Seu conteúdo diversificou-se, tanto quanto a sua missão, seu modo de funcionamento ou sua administração.

Giraudy e Bouilhet (1990) vão mais além, elucidando que o *Mouséion* era também um colégio de filósofos, em Alexandria, no terceiro século a.C. Era um museu, mas também uma universidade, uma biblioteca, um jardim zoológico e um botânico, sob o comando de um sacerdote. Desde a Idade da Pedra, o homem pré-histórico guarda objetos agrupados em determinada ordem, “desvio do instinto de posse” (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 19). Disso, pode-se afirmar, conforme os autores, que “o museu surge a partir da coleção, seja ela de origem religiosa ou profana” (Ibid., p. 19).

Os autores citados esclarecem que, historicamente, os museus eram formados conforme preferência do responsável ou pela raridade e valor do objeto, mas, com o passar do tempo, compreendeu-se que deveria haver uma política coerente de aquisição e ordenação dos objetos. Desenvolvem-se, então, critérios científicos para organizar um museu.

Examinado, etiquetado, numerado, fotografado, recuperado e restaurado, o objeto é submetido a uma minuciosa pesquisa documental, histórica, iconográfica, posteriormente reunida em um catálogo. Desde então, o ICOM estabeleceu normas internacionais, e de um museu para outro, ao sabor das especificidades do acervo (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 49).

Acompanhando as discussões de Desvallées e Mairesse (2013), quando discorrem sobre diversos autores que conceituam museus, concluem que é possível ultrapassar os conceitos pré-estabelecidos sobre o significado de museu para se chegar ao resultado transcendente, que resulta em um instrumento de perspectiva arquivística de compreensão e transmissão, sejam de sentimentos, memória e cultura.

Ao longo da história, os museus foram adquirindo sua devida importância uma vez que se tornaram lugares de pesquisa, de preservação, onde o ser humano pode aprender sobre o passado a partir dos objetos guardados, tornando viva, em sua realidade, a própria história da humanidade. Nesse sentido, Cândido (2014, p. 32) menciona que “o século XIX é considerado por alguns autores como a ‘era dos museus’, ideia justificada pela criação da maior parte dos grandes museus nacionais europeus, que fundaram um modelo capaz de se disseminar por boa parte do mundo”.

Assim, o presente e o passado, embora sem uma nítida separação entre eles, são distintos entre si, mas cada um evoca suas particularidades, sendo que o passado, hierarquicamente superior ao presente, como fonte de identidade, inspira a rememoração das tradições, ligando-se, assim, ao presente. Para resguardar esse passado, surge a figura dos museus, como forma de arquivo dessa memória para o servir ao presente.

De acordo com o Conselho Internacional de Museus (2018), um museu é uma instituição permanente que atua a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Aberto ao público, ele se destina a adquirir, conservar, estudar e comunicar, além de expor testemunhos materiais do seu meio ambiente e do homem, tendo em vista o aprendizado, a educação e a fruição. Os museus, inicialmente criados como espaços de reunião de objetos, passaram a ser templos do conhecimento, transformando objetos comuns em obras de arte ou relíquias, que representavam evolução e identidade de um grupo (OLIVEIRA, 2008).

França (2009) afirma que é de grande relevância a função que o museu desempenha na vida de um povo, porque se trata de uma instituição que apresenta, à coletividade, sua cultura e sua história. Essa instituição deve promover ações para que a sociedade preserve seu patrimônio cultural e valorize sua identidade. Além disso, a função do museu deve concentrar-se em poder colocar a comunidade local em contato com sua própria história, seus valores e suas tradições.

O museu como instituição pode ser um gerador do desenvolvimento do ser humano, tendo em vista que retrata a sua diversidade e as variadas possibilidades da civilização representada pela cultura e os bens patrimoniais depositada em seu acervo. Diante disso, Costa (2010, p. 2) traz em seu texto um olhar mais profundo sobre as expectativas que as pessoas têm ao visitarem um museu.

[...] as pessoas desejavam sentir nos museus alguma forma de vida; que pode ser a vida delas mesmas, a partir de lembranças despertadas pelos objetos e textos expostos e então estaremos diante do fenômeno da memória resgatada; ou reconhecer nos museus outras formas de vidas já vividas, que parecidas ou não com as delas mesmas, se relacionam uma com as outras pelo fato de que apresentam similitudes de seres humanos no contexto diversificado das culturas, e nesse caso, o que se apresenta é a memória social e, portanto, coletiva.

Nesse sentido, o museu é um lugar que remete imediatamente à memória coletiva, pois se acredita contar o passado de um grupo. Porém, ao visitar esse espaço e confrontar os objetos que contam histórias, os bens e experiências que estes proporcionam tornam-se capazes de construir ou reforçar a identidade de uma pessoa, uma vez que revaloriza e religa o seu papel atual com o passado, dando novo sentido à sua origem.

Os museus, tanto os de ontem quanto os de hoje, são um espaço privilegiado de poder e de memória. Onde há museu, há poder, e onde há poder, há construção de memória, ou seja, há esquecimento e lembrança... O exercício do poder constitui "lugares de memória", que, por sua vez, passam a ser dotados de poder (OLIVEIRA, 2008, p. 146-148).

O direito à memória é um direito elementar no que tange ao acesso à cultura, uma vez que os museus ganham cunho educacional ao proporcionarem, pela sua composição, um panorama construtivo do ambiente, da sociedade, da etnia, dos costumes e tradições de determinada região ou agrupamento de pessoas.

De acordo com Bottallo (1995), o papel do museu tradicional na contemporaneidade é estar comprometido com o tipo de identidade que pretende divulgar; deve permitir que o público possa sensibilizar-se e aprender sobre os objetos, valorizando o conteúdo proposto. As pessoas que administram os museus, por lidarem com os objetos do passado, geralmente, sentem-se detentoras dessa história, pois o objeto encerra o testemunho do que foi vivido.

No entanto, Muchacho (2009) faz uma crítica quanto aos museus tradicionais, alegando que eles estão muito fechados, não dando a devida importância às relações sociais, mas priorizando somente à conservação e preservação de seu material. Desse modo, a Nova Museologia, que possui aspectos comuns com os museus tradicionais, propõe um olhar diferente com relação aos objetivos, princípios básicos e orientação, ou seja, o museu deve ser “meio para o desenvolvimento da comunidade, de um território através do patrimônio material e imaterial, natural e cultural” (Ibid., p. 23).

Assim, se, conforme Desvallées e Mairesse (2013), os modelos de gestão chegaram também ao campo museal, os profissionais envolvidos em todos os níveis necessitam fornecer respostas claras e compreensíveis no que tange à relevância do museu para a sociedade e seus indivíduos. Então, compreende-se que não basta apenas profissionalizar a gestão do espaço, pensando no visitante, mas também melhorar a compreensão da existência do espaço museal e sua importância no contexto em que ele existe. Essa é uma visão importante a ser implementada no MIEM.

Sobre a eficácia da administração dos museus, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2011) introduz, no livro *Museus em Números*, a importância da excelência na gestão, devido à riqueza que estes significam para a identidade social e educação dos indivíduos. Independente do estágio educacional em que se encontre, um museu sempre impactará a educação da pessoa que adentrar aquele espaço. Diante disso, Cândido (2014) adverte sobre a relevância do Brasil nessa questão, pois cinco dos museus mais visitados no mundo estão no país. Para tanto, é necessário que haja uma gestão de qualidade nos museus.

Ha pouco tempo foi divulgado que o Brasil possui cinco museus entre os mais visitados do mundo. O Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, em Brasília e em São Paulo; o Museu de Arte de São Paulo; e a Pinacoteca do estado de São Paulo, colocam-nos no centro das atenções mundiais no setor de museus e mostram o quanto é atual a discussão sobre qualidade de gestão museológica no Brasil (CÂNDIDO, 2014, p. 213).

Segundo Oliveira (2008), por ser o Brasil uma terra rica em fauna e flora, por sua extensão continental, inúmeros viajantes coletavam, nestas terras, artigos para compor coleções de estudos científicos, sendo que, entre os anos 1870 e 1910, os museus de instrução (científicos) separaram-se daqueles dedicados a objetos de

apreciação (estética), e, durante o século XX, o processo de criação de museus no Brasil se expandiu.

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), a Região Sul é a segunda região do país em número de museus, onde existem 878 museus, destes, 458 vinculados ao Cadastro Nacional de Museus (CNM). O estado do Rio Grande do Sul é o segundo estado do país em números de museus existentes, com 397 museus e 235 vinculados ao CNM, ficando atrás somente, em números absolutos, do estado de São Paulo, que apresenta 517 museus, porém, somente 262 vinculados ao CNM. Esses dados referem-se a museus físicos, não contendo informações nesses valores sobre museus virtuais (IBRAM, 2011). Dentre os museus catalogados no estado do Rio Grande do Sul, inclui-se o MIEM, em Vale Vêneto.

3.2 MUSEU DO IMIGRANTE ITALIANO EDUARDO MARCUZZO (MIEM)

A preservação e valorização do patrimônio cultural coloca em evidência o que imigrantes italianos deixaram como legado quando vieram para a Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, intensificando-se por meio do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo.

Eduardo Albino Marcuzzo, fundador do Museu que leva seu nome, nasceu dia 24 de julho de 1923, em Linha Duas, Vale Vêneto. Filho de Luiz Marcuzzo e de Amabile Bortouzzi Marcuzzo, neto de José e Luiza Giroto Marcuzzo, Domingos e Santa Pupina Bortoluzzi, que vieram da localidade de Piavon, região Vêneta do norte da Itália, província de Treviso. Casou-se em 09 de agosto de 1947 com Henriqueta Giacomini Marcuzzo e tiveram 11 filhos: Alice Terezinha (em memória), Liceu José, Inês Maria, Valdir Antônio, Aneli Terezinha, Idemar Vicente (em memória), Claudete Maria, Anilto José, Mauri Jorge, José Paulo, Lourdes Isabel. Eduardo faleceu no dia 21 de dezembro de 2004, com 81 anos, e está sepultado no cemitério de Vale Vêneto, conforme relatos de sua filha, Inês Maria Marcuzzo¹⁰.

¹⁰ MARCUZZO, I. M. Entrevista. Vale Vêneto, RS, Jan. 2019.

Figura 7 – Família de Eduardo Albino Marcuzzo, em 1981



Fonte: Acervo fotográfico de Inês Maria Marcuzzo, Vale Vêneto, São João do Polêsine, RS.

Eduardo Marcuzzo sempre estimava o legado cultural deixado pelos antepassados. Portanto, quando tomava conhecimento de algum objeto histórico, tratava de preservá-lo. Nesse sentido, Girardi (1995) comenta que, em suas caminhadas pela região, como pároco de Vale Vêneto, descobriu e recolheu alguns objetos de imagens históricas da Capela Santa Ana, que estava abandonada em meio a um campo. Eduardo Marcuzzo, ao saber que o padre havia retirado os objetos, solicitou vigorosamente a devolução, devido ao grande valor que dava ao achado:

A reação foi intempestiva e imediata. Um dia após a retirada das imagens, fui procurado por um representante das famílias, o Sr. Eduardo Marcuzzo, que usou de misericórdia comigo, tratando-me com todo respeito, embora usasse a pronúncia do raio e do trovão. Tal era o sentimento dele e do povo que representava. [...] Naquele mesmo dia, as imagens retornaram, o povo se reuniu e começou a reforma da capela. E temos hoje a dita de ver preservado aquele lugar de graças e de saudosas histórias (GIRARDI, 1995, p. 33).

Segundo sua filha, Inês Maria Marcuzzo, Eduardo era agricultor, pesquisador e historiador. Sua paixão pela história também deixou um legado de muitos livros de registros das histórias de cada família italiana que habitava Vale Vêneto desde sua vinda da Itália, os casamentos e os óbitos que aconteceram. Seus manuscritos

remontam desde o ano de 1878 até 1988. Após essa data, sua filha Inês Maria Marcuzzo deu continuidade a essa atividade do pai, conforme mostra a Figura 8, um dos livros de registro das famílias.

Figura 8 – Livro de Registro Família, de 1878 a 1889



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2019).

Eduardo Albino Marcuzzo estudou no Colégio Coração de Maria de Vale Vêneto até o 3º ano primário, atualmente Séries Iniciais do Ensino Fundamental, e desde muito cedo, mencionava que um dia, quando tivesse um espaço, iria fundar um Museu.

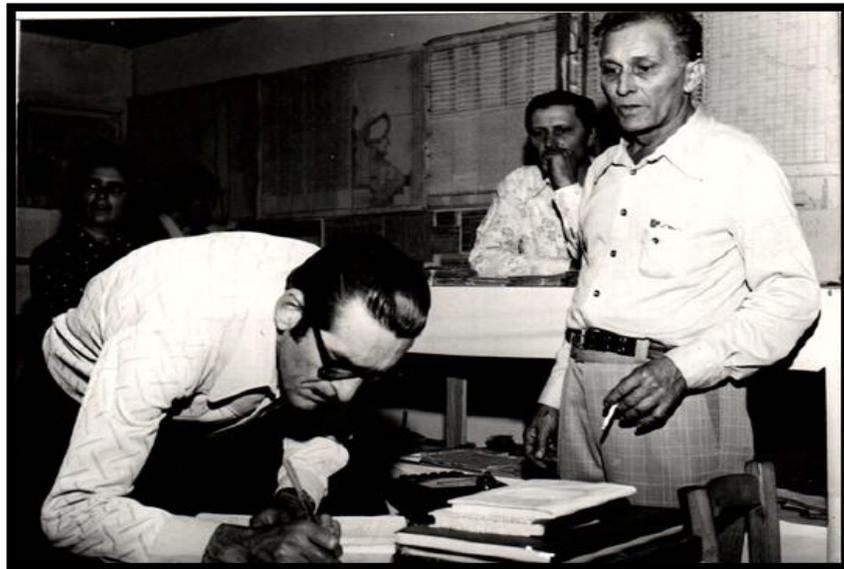
A filha, Inês Maria Marcuzzo, menciona que seu pai começou recolhendo objetos indígenas, como panelas e pedras que encontrava nas lavouras da região de Vale Vêneto (RS), pois queria fundar um museu arqueológico. Mais tarde, mudou de ideia e passou a colecionar antiguidades ligadas à cultura italiana, para que as pessoas pudessem lembrar suas vivências.

Ainda, conforme Inês, em sua casa, havia uma sala repleta de objetos que pertenciam aos imigrantes italianos que seu pai colecionava ou eram doados pelos moradores da comunidade. Tudo era cuidado com muito zelo, de modo que cada objeto era identificado de acordo com sua origem, função e história para, mais tarde, compor o acervo formado de documentos, fotos, paramentos, quadros de santos, imagens e outros. Posteriormente, Eduardo solicitou aos padres palotinos de Vale

Vêneto, algumas das salas da Casa Paroquial para abrigar todos os objetos que havia reunido e, conforme foram sendo desocupados esses espaços, ele foi organizando o acervo. Ao todo, obteve oito salas. Porém, nas comemorações do Centenário da Imigração Italiana no estado do RS, em 26 de julho de 1975, que Eduardo Marcuzzo fundou o Museu e seu sonho de menino tornou-se realidade. Na foto da Figura 9 mostra Eduardo Marcuzzo, no dia da fundação, recebendo os visitantes no MIEM.

De acordo com a filha Inês, seu pai, “Com o passar dos anos, mesmo comprometido com a saúde, nunca esmoreceu mantendo-se ativo em suas pesquisas no Museu, e sobre a Imigração Italiana dos que vieram para Vale Vêneto”.

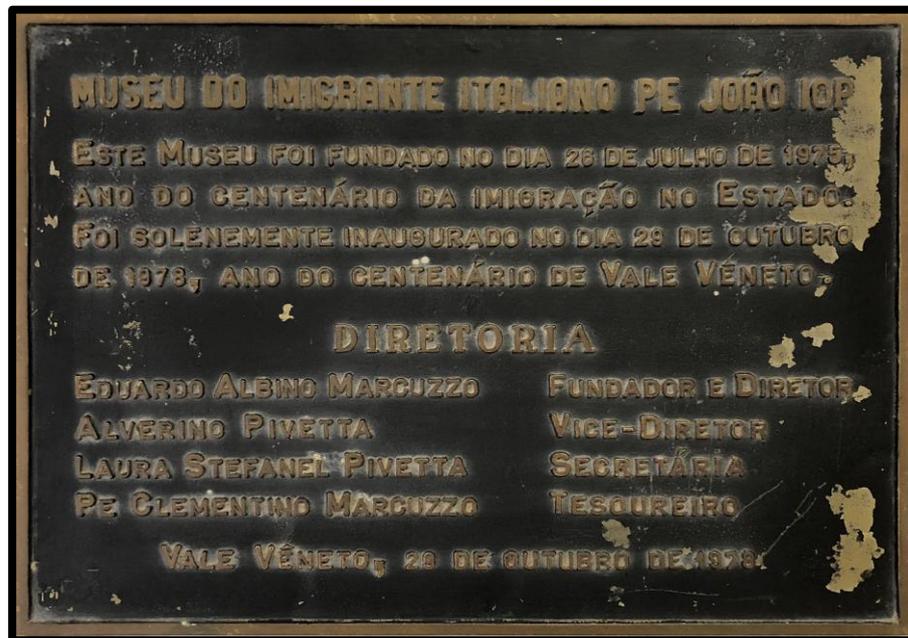
Figura 9 – Em pé, à direita, Eduardo Marcuzzo, fundador do MIEM, em 1975



Fonte: Acervo do MIEM / Vale Vêneto / São João do Polêsine, RS.

A inauguração do Museu realizou-se no dia 29 de outubro de 1978, na festa do centenário da fundação de Vale Vêneto. Na ocasião da solenidade de inauguração, foi cortada a fita inaugural pelos imigrantes mais idosos da comunidade, César Pivetta e Angelo Marin e, descerrada a placa, na entrada do Museu, que contém registros de informações sobre a fundação, inauguração e os integrantes da diretoria do Museu na época em que o nome era Museu do Imigrante Italiano Padre João Iop, conforme mostra a Figura 10:

Figura 10 – Placa de Inauguração do Museu do Imigrante Italiano Padre João Iop, de 1978



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

O nome dado ao Museu homenageou o Padre João Iop, por ser o primeiro imigrante italiano nascido no Barracão de Val de Buia, localidade de Silveira Martins, no dia 12 de maio de 1878, filho de Pedro Iop e Luiza Giroto, naturais de Oderzo, região da Itália. Além disso, foi o primeiro padre e superior da Congregação dos Palotinos do Brasil, sendo ordenado sacerdote no dia 26 de junho de 1902 pelo bispo de Porto Alegre, Dom Claudio Ponce de Leão e, ainda o primeiro, vigário de Vale Vêneto, de 1913 até o dia 23 de junho de 1936 quando faleceu (VIZZOTTO, 2014).

A Figura 11 remete a exposição do Museu do Imigrante Italiano Padre João Iop, em 1978, onde se pode perceber uma grande quantidade de objetos organizados aleatoriamente nas salas do Museu.

Figura 11 – Museu do Imigrante Italiano Padre João Iop, em 1978



Fonte: Acervo do MIEM / Vale Vêneto / São João do Polêsine, RS.

Com o passar do tempo, havia uma preocupação da diretoria em realizar novas eleições para administrar o Museu, pois a diretoria fundadora encontrava-se com idade avançada e alguns haviam falecido. Por isso, no dia 05 de junho de 1988, por iniciativa do Padre Clementino Marcuzzo, foi criada a Associação Cultural dos Imigrantes, formada por novos dirigentes em substituição a Diretoria do Museu do Imigrante Padre João Iop (DOTTO, 2012).

Em 21 de julho de 1996, o presidente da Associação Padre Clementino Marcuzzo, convocou uma Assembleia Geral Extraordinária com o objetivo de alterar o nome da Associação Cultural dos Imigrantes para Associação Vêneta (AVE). No período de 2011 e 2012, formou-se uma comissão composta pela diretoria da Associação Vêneta e convidados para reformular o regimento interno do Museu para oficializá-lo. Então, no dia 30 de junho de 2012, o Museu foi oficializado, composto por novos associados, sendo um departamento da Associação Veneta (AVE), e também passou a denominar-se Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo, em homenagem ao seu fundador, designado pela sigla “MIEM”, segundo registros no Livro de Atas do Museu.

O Museu descreve como Missão: “Preservar a memória do cotidiano das famílias italianas e os documentos que testemunham a história da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul”. A Visão do Museu ficou assim definida:

“Ser referência na região para proporcionar as gerações futuras o reconhecimento da identidade dos antepassados”, conforme consta no Regimento Interno do MIEM.

A diretoria que estava vigente, em 2012, preocupou-se em desenvolver uma identidade visual para o MIEM, a qual simbolizasse a imigração italiana na região. Uma logomarca (Figura 12) ajudaria no Marketing do Museu. Então, Douglas Menezes, profissional da agência Estúdio Gare de Santa Maria, em conjunto com a comissão da comunidade, desenvolveram a logomarca.

Figura 12 – Logomarca do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo



Fonte: Acervo do MIEM / Vale Vêneto / São João do Polêsine, RS.

A imagem da Figura 12 mostra uma carroça estilizada, puxada pelos bois, simbolizando o principal meio de transporte terrestre da época, somente assim era possível desbravar uma região cheia de morros e terrenos acidentados. A carroça e os bois eram parceiros fiéis, que juntos com o imigrante, modificaram a região. A carroça também representa a força do trabalho dos italianos, pois eram os bois que acompanhavam a lida na roça. Ela inspirou muitas poesias, como:

A carroça vai gemendo / Pela estrada do rincão, / Vai levando uma saudade / Que nasceu no coração. / Quando atolou a carroça / Na estrada da soledade / Fui ver o que tinha dentro, / Vinha cheia de saudade. (BELLINASSO, 2000, p. 102).

Conforme Douglas Menezes, as cores referenciam a terra de origem, a Itália, sendo que o verde representa a paisagem da região, e o tom mais escuro da carroça

destaca a sua caminhada pela região, as dificuldades, e os desafios a serem enfrentados.

Segundo Dotto (2012, p. 21), o Museu “é considerado o primeiro do Estado em relação do gênero (Imigração Italiana)”. Atualmente, destaca-se também, por possuir o maior acervo de artefatos dos imigrantes italianos do estado do RS. O MIEM sempre recebe muitas visitas durante todo o ano. Segundo registros nos livros de presença de visitas do Museu, entre os anos de 1975 até 2015, recebeu em torno de 25 mil pessoas. Após reaberto, no período de julho de 2017 a março de 2019, o Museu recebeu cinco mil visitantes de 270 localidades do Brasil e de seis países (Argentina, Alemanha, Canadá, Itália, México e Uruguai), sendo os meses de julho a dezembro com maior fluxo de visitantes divididos entre grupos de estudantes das escolas públicas e privadas, universitários, turistas e público em geral.

Dentre as visitas ilustres, destacou-se o Cardeal Patriarca de Veneza, Dom Albino Luciani que, em 11 de novembro de 1975, visitou Vale Vêneto nas Comemorações da Imigração Italiana. Posteriormente, o Cardeal foi escolhido para ser o Papa João Paulo I. No MIEM, também estiveram outras autoridades presentes, como vários políticos, governadores, dentre eles, o Sr. Sinval Duarte Guazzelli e ainda, no dia 20 de julho de 2018, foi assinado um documento de Pacto da Amizade pelo Diretor do MIEM, Miguel Pedro Rocha do Canto, e o diretor do Grupo Le Arti per Via Giovanni Posocco, do município de Bassano Del Grappa, região do Vêneto, na Itália. Além disso, em dezembro de 2018, houve visita da excursão de italianos da região de Beluno, da Itália, conforme constam nos registros dos livros de presença de visitas do Museu. Essas parcerias são elos de ligação entre os museus, os países e os descendentes. As visitas comprovam a importância do MIEM para compreender a história da colonização de Vale Vêneto e região central do RS.

O prédio onde está o MIEM é parte da Casa Paroquial, construída em 1892, com a finalidade de hospedar os primeiros vocacionados ao sacerdócio católico da Congregação dos padres Palotinos. Segundo Quaini (2016, p. 24): o “Pe. João Vogel deixou Caxias e retornou a Vale Vêneto em 1892, começou a receber na Casa Paroquial os jovens que podiam estudar no Colégio das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, iniciado exatamente naquele ano”. Nesse primeiro ano, o Colégio contou com 15 alunos internos, sendo uns de Vale Vêneto e outros de Caxias do Sul. Atualmente, além de abrigar o Museu, o prédio histórico é sede de uma Sociedade

com finalidade agrícola, cultural e esportiva para os seus associados denominada pela sigla (SACE) de Vale Vêneto.

Figura 13 – Fachada da entrada principal da Casa Paroquial, situada na Rua Padre João Iop, lateral à Igreja de Vale Vêneto, em 26 de janeiro de 1999



Fonte: Acervo do MIEM / Vale Vêneto / São João do Polêsine, RS

Nem sempre o passado é generoso com os bens materiais. Sem a devida conservação, tudo pode sofrer deterioração, como é o caso de estruturas e objetos. Nesse sentido, verificou-se que havia a necessidade de reformar a Casa Paroquial para serem realizadas melhorias em toda a sua infraestrutura.

Gomes (2017), em matéria do Jornal Diário de Santa Maria, registra a reforma executada no prédio, entre os anos de 2014 a 2016 (Figura 14), como medida de segurança, pois a estrutura do prédio de três andares estava comprometida. Por iniciativa dos membros do Conselho Paroquial, formado por integrantes da comunidade, e com a colaboração de profissionais na área da construção civil, foi reconstituída a estrutura interna do prédio, preservando-se a originalidade da estrutura externa, as paredes e janelas, bem como o piso, sendo que as escadas e a porta de entrada foram modernizadas. A própria comunidade pagou toda a reforma. “Pelos poucos recursos e limitações, a gente achava que nunca ia conseguir concluir” – diz o Engenheiro Civil, Luiz José Pivetta, voluntário, responsável pela ampla reforma do prédio e coordenador da Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto (GOMES, 2017, p. 26).

Figura 14 – Fachada da entrada principal da Casa Paroquial após as reformas de 2016



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

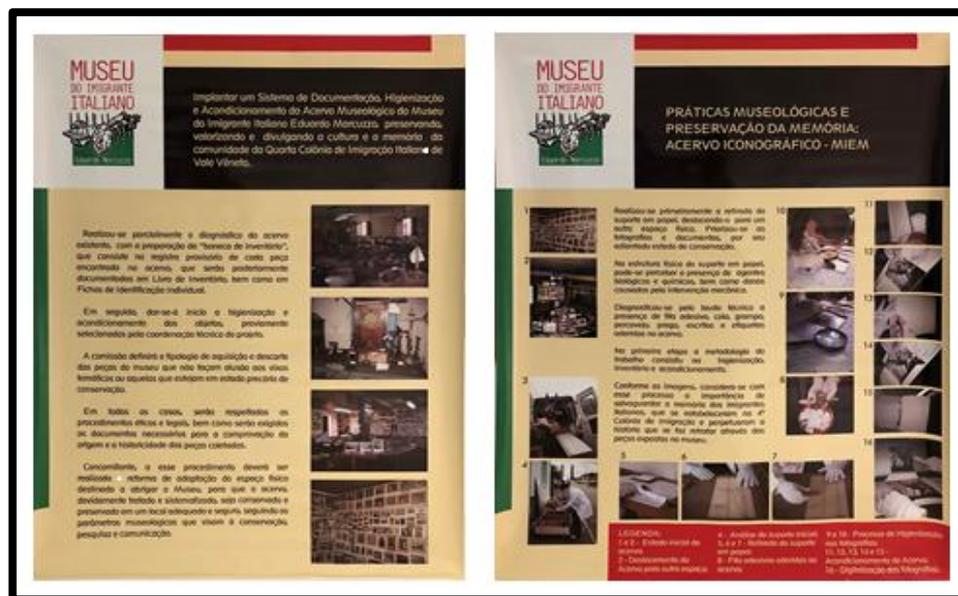
Enquanto o prédio estava em reformas, não havia condições de visita ao MIEM, e todo o acervo precisou ser retirado e alocado em outros espaços na comunidade. Nesse período de reestruturação, foi possível realizar um levantamento do acervo (CIDADES DO VALE, 2017).

De acordo com o levantamento e diagnóstico realizado por Danieli Sanches Venturini, diretora técnica do Museu Vicente Pallotti, de Santa Maria e Franciele Roveda Maffi, responsável técnica do Museu Franciscano de Santa Maria, a diretoria do Museu sentiu a necessidade do trabalho especializado destas profissionais com experiência na gestão de museus para salvaguardar o acervo. Então, no ano de 2011, baseado na situação encontrada pelas profissionais no Museu, foi proposto o Projeto de Sistematização, Documentação, Higienização e Acondicionamento do Acervo Museológico no Museu. Com a colaboração de Jacinta Pivetta Vizzotto, Arquivista e Lisieli Rorato Dotto, Arquivista, juntamente com outras pessoas da comunidade que doaram seus serviços em prol do Museu, iniciaram o Projeto, fazendo a seleção e identificação da situação dos objetos, buscando atender as normas técnicas e os procedimentos éticos e legais que permeiam a museologia. Vários foram os problemas detectados, como peças com sujidade profunda, estados de conservação precária; acondicionamento e guarda inadequados para cada tipologia do acervo;

ausência de uma política de aquisição e descarte e espaço físico inadequado para a capacidade do acervo.

Após realizado o diagnóstico do acervo e deslocamento para outro espaço físico, foi iniciado o trabalho propriamente dito. Na primeira fase, realizaram a separação, higienização e acondicionamento de fotografias, documentos e indumentárias conforme as práticas museológicas. Depois desses procedimentos, realizou-se o inventário e a digitalização das fotografias do Museu. No período de 2016 e 2017, em uma segunda fase foram tomadas medidas de manutenção, higienização e conservação de materiais, como metais, ferro, couro, madeiras dentre outros, pelas colaboradoras Jacinta Pivetta Vizzotto e Tânia Assunta Rorato, Técnica em Guia de Turismo, contando também com a colaboração de voluntários da comunidade. No interior do MIEM, encontram-se dois *banners* explicativos sobre a implantação do sistema das práticas museológicas realizadas no Museu, Figura 15.

Figura 15 – Práticas museológicas do MIEM



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Finalizados esses procedimentos, o acervo foi reorganizado em um espaço amplo com uma nova expografia, valorizando o patrimônio cultural do Museu e proporcionando um ambiente agradável ao visitante. Assim, após a reestruturação do prédio e a revitalização do acervo, o Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo foi reaberto no dia 08 de julho de 2017.

Figura 16 – Fachada lateral da Casa Paroquial, entrada principal do MIEM



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

A contribuição de todas as famílias que habitam a localidade de Vale Vêneto abriram mão dos objetos e registros de seus antepassados, tornou possível a existência e perpetuação do MIEM, que, ao longo de sua existência, conta ainda com a boa vontade de seus fundadores e das novas gerações para continuar existindo. Sempre que alguém identifica algum objeto de família em sua casa e se dispõe a doar, abre mão de guardar para si as memórias que aquele objeto congrega, pois ele deixa de ser particular para se tornar história. Mais do que acervo visual, um museu pode transmitir sensações diversas com seu acervo, em que o visitante ao compreender o cotidiano de vida dos imigrantes sente as dificuldades, as conquistas, as alegrias e as dores enfrentadas, tornando a visita uma verdadeira experiência sensorial.

O MIEM conta com três andares da Casa Paroquial e nove salas temáticas compostas por mais de dez mil artefatos. O visitante poderá fazer uma viagem no tempo, conhecendo os objetos que foram testemunhos da trajetória dos imigrantes italianos.

3.2.1 Salas de Exposição

As salas de exposição do MIEM foram concebidas e organizadas a partir do acervo existente e do cuidado de alocação dos objetos redistribuídos na nova reestruturação, construído nos três andares do prédio da Casa Paroquial conforme a capacidade de acomodação em cada ambiente.

O trabalho da montagem foi iniciado a partir das peças e objetos que foram colecionados, organizando-os por tipologia e/ou coleções nos expositores para estabelecer a comunicação visual do público com o acervo onde, por meio dos objetos, poderão conhecer o cotidiano das famílias italianas que colonizaram Vale Vêneto. Diante disso, Sabino (2011, p. 201), cita que a expografia deve apresentar as seguintes características.

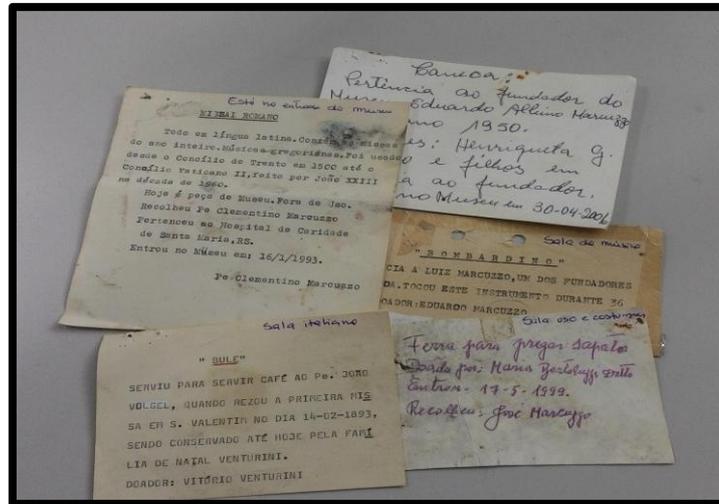
Para que essa comunicação seja efetiva, a exposição utiliza diversos fatores e elementos, entre os quais estão o ambiente, a organização do espaço, os sons, os ruídos, as imagens e os objetos expostos. Ao utilizar esses estímulos de forma planejada, ela oferece um efeito significativo no entendimento e na memória do visitante sobre o conteúdo apresentado, proporcionando uma comunicação eficiente do objeto.

Assim, salienta-se que a realidade do MIEM atual não contempla todas as exigências técnicas. No entanto, faz-se necessário reconhecer o esforço da comunidade, que, com seus conhecimentos, preservam o patrimônio.

Os critérios de seleção dos objetos para as exposições deu-se em função da relação de sua historicidade, antiguidade evidenciada e por demonstrar a simplicidade de vida no cotidiano das famílias. Segundo Ramos (2004, p. 140), a exposição é uma comunicação na qual “o objeto deve necessariamente participar de um jogo que o transporta da vivência no cotidiano para o espaço da pesquisa histórica, com recortes e problemáticas”.

As informações sobre os artefatos referentes às datas de existência dos objetos, assim como o uso e demais características (Figura 17) foram coletadas pela equipe do MIEM junto aos doadores das peças do acervo. Isso significa que algumas delas ainda podem sofrer alterações, pois uma exposição em um museu requer pesquisa em outras fontes primárias.

Figura 17 – Etiquetas com as informações dos objetos do MIEM



Fonte: Acervo do MIEM / Vale Vêneto / São João do Polêsine, RS.

Em cada sala de exposição do MIEM, há uma placa com as informações descritas dos ambientes a ser visitado. No presente trabalho, as informações de cada um dos espaços foram sintetizadas e adaptadas, como segue.

3.2.1.1 Sala de Entrada

Na sala de entrada (Figura 18), o visitante pode conhecer um pouco sobre os valores culturais dos imigrantes expressos nos artefatos: religiosos (Figura 21), de trabalho (Figura 20) e utensílios de cozinha (Figura 19), os quais denotam a simplicidade do cotidiano na colônia e remetem às dificuldades de uma época na qual praticamente todo o trabalho era manual. Os imigrantes encontraram uma terra onde, para ser habitada, havia muito a ser feito, porém, uma terra fértil. A vontade de trabalhar aliada à fertilidade do solo proporcionou a permanência das famílias e das novas gerações na localidade. Trouxeram, na bagagem, o conhecimento, o *savoir-faire*¹¹, da culinária italiana, por exemplo, e práticas desse fazer dos lugares de origem, que foram adaptadas às condições encontradas no lugar de adoção.

¹¹ *Savoir-faire*: “habilidade de obter êxito graças a um comportamento maleável, energético, inteligente; tino, tato.” (HOUISS, 2009, CD).

Figura 18 – Sala de Entrada do MIEM



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Encontra-se exposto, na sala de entrada, um panelão de ferro (Figura 19), utilizado para cozimento dos alimentos. Os imigrantes faziam o fogo no chão e, por meio de uma corrente fixada num barrote do telhado, seguravam o panelão de ferro sobre o fogo para cozinhar os alimentos do dia a dia. Nesse panelão, também era feito o prato principal da família italiana, a polenta (farinha de milho moída, cozida em água e sal), feita pela manhã. O panelão da Figura 19 foi usado para fazer a polenta na ocasião dos festejos do Centenário da Imigração Italianas no estado RS, em 1975.

Figura 19 – Panelão de ferro, “*caldora*”, “*pignaton*” ou “*caliera*”.



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

O trabalho era imprescindível na vida dos imigrantes. Para o deslocamento por estradas, o imigrante utilizou as rodas da carreta (Figura 20), puxada a boi para auxiliar no transporte de pessoas e/ou de produtos das lavouras. Contempla-se ainda (Figura 20), um instrumento de trabalho que foi indispensável para a sobrevivência dos imigrantes, no linguajar italiano chamado de “*tórcio*”. Trata-se de um tipo de engenho composto de três rolos de madeira entrelaçados por engrenagem, puxados por uma junta de bois, fazendo, várias vezes, o mesmo trajeto em círculo para moer a cana e retirar o caldo para fazer o açúcar, melado e a cachaça, produtos muito consumidos pelos imigrantes.

Devido ao grande número de objetos do acervo, o espaço ficou pequeno para a exposição, por isso, alguns encontram-se agrupados, dificultando a descrição sobre suas características conforme a Figura 20.

Figura 20 – Par de rodas de carreta grande, de 1940, e “*tórcio*”



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Outro artefato selecionado para destaque foi o Missal Romano (Figura 21). Trata-se de um livro escrito em Latim, o qual contém as músicas gregorianas e o ritual usado pelos sacerdotes nas celebrações eucarísticas. Conforme dados existentes no acervo do MIEM, o Missal foi usado desde o Concílio de Trento, em 1500, até o Concílio Vaticano II, feito por João XXIII na década de 1960.

Figura 21 – Missal Romano, “*Missal Romanum*”, livro em Latim, de 1883



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

3.2.1.2 Sala Italiana

A sala italiana (Figura 22) do MIEM busca ambientar o espaço de reunião da família italiana. Em geral, eram amplas, com capacidade para acolher várias famílias vizinhas ao mesmo tempo. Eram decoradas com quadros dos santos de devoção, retratos da família e com as louças mais requintadas expostas na cristaleira (Figuras 23 e 24).

A sala tinha várias funções, desde local das refeições, realização do velório de familiares até o encontro dos namorados, que, aos sábados à noite e aos domingos à tarde, tinham a permissão para se encontrarem. Também era o local para a oração do terço, onde, ajoelhados, recitavam as Ave-Marias agradecendo pelas graças alcançadas e pedindo proteção à família.

Figura 22 – Sala Italiana do MIEM



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

As louças das Figuras 23 e 24 representam parte dos artefatos nobres da sala, pois eram usadas somente quando chegavam visitas ou quando o padre visitava a família, prática comum na época.

Figura 23 – Sopeira, utensílio de louça esmaltada usada para servir sopa, de 1930



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

O bule de louça branco da Figura 24 foi usado para servir o café ao Padre João Vogel, quando rezou a primeira missa em São Valentin, no dia 14 de fevereiro de 1893, na casa da família de Natal Venturini.

Figura 24 – Bule, utensílio de louça usado para servir café, de 1888



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

3.2.1.3 Cozinha Italiana

A Figura 25 mostra a cozinha italiana, um espaço de socialização no qual a família se reunia não somente para comer, mas sobretudo para conversar e realizar o

tradicional *filó*¹². Geralmente, era um cômodo separado da casa, porém, ligado a ela por um corredor. Um dos motivos de ser edificada, separada do restante da casa, era como medida de prevenção caso ocorresse um incêndio. Fazia parte da cozinha uma mesa grande, bancos, cadeiras de palha de milho trançada, o lavatório para a louça e o *fogolaro*¹³ (fogão de chão). Em uma dependência associado à cozinha, ficava a dispensa utilizada para estocar alimentos como vinho, vinagre, salame, queijo, pão e produtos da roça. Localizado fora do ambiente da cozinha, ficavam o poço d'água e o forno para assar os alimentos, porém, foram inseridos nessa sala do Museu, junto à cozinha, por representarem parte da mesma função.

Figura 25 – Cozinha Italiana do MIEM



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

A seguir, destacam-se três elementos confeccionados de madeira, os quais eram muito importantes para a gastronomia italiana (Figuras 26, 27 e 28). Na época

¹² “O *filó* já existia na Itália como reunião de vizinhança, mudaria em parte, aqui, a sua função. De encontro de convívio social, ele passaria a ser também um encontro de apoio mútuo, talvez principalmente, como conforto psicológico para o isolamento em que cada família vivia.” (POZENATO, 1979 apud VIZZOTTO, 2014, p. 183).

¹³ “Fogolaro: funcionou como uma espécie de fogão rústico, para o preparo das refeições. Era feito o fogo no chão, num caixão retangular, revestido de madeira e no seu interior colocavam terra ou barro.” (VIZZOTTO, 2014, p. 199).

que os imigrantes vieram para a Quarta Colônia, não havia o recurso das indústrias, então, tinham que talhar artesanalmente os utensílios de cozinha para suprir as suas necessidades, como o “*aparato*”, escorredor de madeira usado para escoar o soro na fabricação do queijo (Figura 26). O artefato é composto de duas peças: uma para prensar o queijo até sair todo o soro e a base para escorrer o líquido e proteger o alimento da sujidade.

Figura 26 – Escorredor, “*aparato*”, utensílio de cozinha, de 1946



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Para a funcionalidade das tarefas na cozinha, precisavam do abastecimento de água. As residências ficavam longe da fonte d'água e, para facilitar o transporte, era utilizada a “*seccia*”, balde de madeira (Figura 27), feito de maneira primitiva por várias tiras unidas uma ao lado da outra e presas com dois fios de arame para ficar bem amarrado a fim de conseguirem transportar a água. Além do transporte, o balde era usado para preservar a temperatura d'água mantendo-o sempre agradável.

Figura 27 – Balde de madeira, “seccia”, de 1918



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Na cozinha italiana, também destaca-se outro artefato de madeira utilizada nas cozinhas dos imigrantes italianos, chamado, no linguajar italiano, de “secer” ou “secciáro”, espécie de pia (Figura 28), entalhado em madeira grossa com cavidades para escoar a água. Usado para lavagem da louça, sendo colocado sobre uma armação em madeira. Pertenceu a uma das famílias de colonizadores de Vale Vêneto, em 1915.

Figura 28 – Pia de madeira, “secer” ou “secciáro”. Móvel de cozinha, de 1915



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

3.2.1.4 Sala Iconográfica

A fotografia deixa eternizados momentos da vida que podem ser acessados a qualquer instante para ativar a lembrança do passado. Nessa sala, detalhada na Figura 29, está disponibilizada parte do acervo iconográfico, como quadros de retratos de famílias, de localidades, de objetos, entre outros itens que revelam, por imagem, costumes e práticas do cotidiano dos italianos. Hoje, graças ao avanço tecnológico, qualquer pessoa tem a oportunidade de deixar registrados seus momentos em forma de fotografias e vídeos. Porém, naquela época, a fotografia não era acessível a muitos e seria uma possibilidade única de marcar um momento especial. Portanto, hoje, ter uma foto antiga de família se torna uma relíquia, muito valorizada pelos descendentes.

Figura 29 – Sala Iconográfica do MIEM

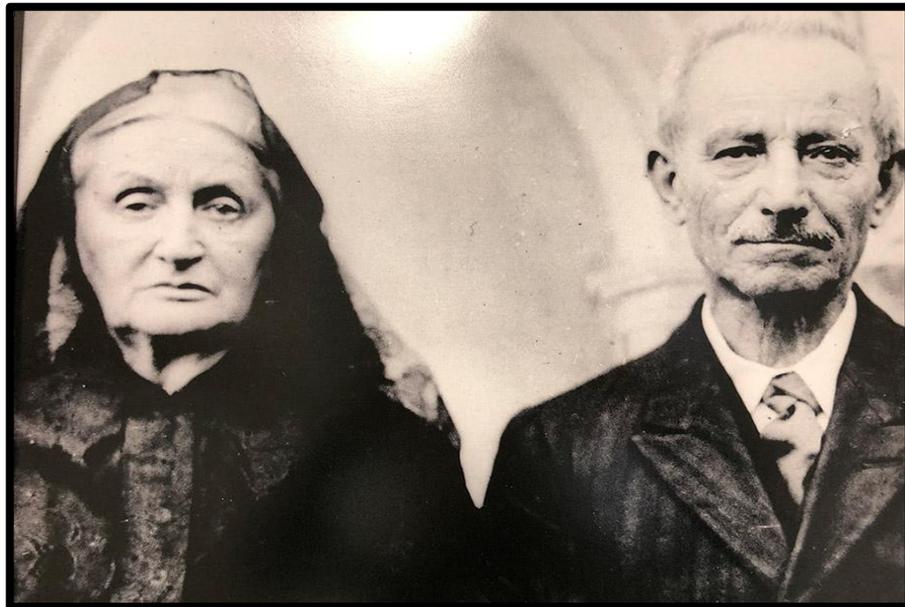


Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

A seguir, destacam-se algumas fotografias que registraram fatos históricos do passado de Vale Vêneto e encontram-se expostas na sala iconográfica do MIEM (Figuras 30, 31 e 32). A Figura 30 demonstra a fotografia do casal de Santa Stella Furlan e Paolo Bortoluzzi. Ele nasceu no dia 1º de dezembro de 1845, em Franzenigo, na Itália, e faleceu no dia 20 de outubro de 1926, em Vale Vêneto. Santa Stella Furlan nasceu no dia 1º de maio de 1848, em Oderzo, na Itália, e faleceu no dia 10 de novembro 1929, também em Vale Vêneto. O casal teve 24 filhos, mas sobreviveram somente sete.

Paolo Bortoluzzi era um homem firme e com personalidade de liderança. Portanto, foi considerado líder e fundador da comunidade de Vale Vêneto, pois sempre lutou pela educação, cultura e religiosidade dos imigrantes italianos (VIZZOTTO, 2014).

Figura 30 – Santa Stella Furlan e Paolo Bortoluzzi, benfeitores de Vale Vêneto, em 1878



Fonte: Acervo do MIEM / Vale Vêneto / São João do Polêsine, RS.

Na Figura 31, encontra-se a fotografia do painelão com grupo de senhoras que fizeram a polenta de 9 metros e 40 cm nas comemorações do Centenário da Imigração Italiana no RS, e, na Figura 32, a fotografia do “*fonda*”, tabuleiro da polenta e os organizadores das comemorações do Centenário da Imigração Italiana no RS,

realizado no dia 26/07/1975, em Vale Vêneto. O panelão e o tabuleiro da polenta fazem parte do acervo da sala de entrada do MIEM, conforme a Figura 18. Essas fotografias mostram a alegria das mulheres em torno da polenta, tão apreciada pelos italianos. Eram elas que tinham o dever de produzir a polenta italiana na comunidade.

Figura 31 – Grupo de senhoras que fizeram a polenta no panelão, em 1975



Fonte: Acervo do MIEM / Vale Vêneto / São João do Polêsine, RS.

Figura 32 – Tabuleiro da polenta, “*fondal*” e os organizadores, em 1975



Fonte: Acervo do MIEM / Vale Vêneto / São João do Polêsine, RS.

3.2.1.5 Sala do Trabalho, Usos, Costumes e Fazeres

Com poucos recursos, em uma região de difícil acesso e sem indústrias, os italianos valeram-se das habilidades artesanais a fim de suprir boa parte de suas necessidades como para o cultivo agrícola, criação de animais e respectivos processamentos de produtos extraídos das pequenas propriedades cultivadas na época. Esses saberes e fazeres foram passados de geração a geração e eram utilizados nas atividades do cotidiano das famílias italianas.

Diante do expressivo número de objetos sobre o trabalho, usos, costumes e fazeres, foram destinados dois ambientes para a sua exposição, conforme Figuras 33 e 34.

Figura 33 – Sala 1 do Trabalho, Usos, Costumes e Fazeres do MIEM



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Figura 34 – Sala 2 do Trabalho, Usos, Costumes e Fazeres do MIEM



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Um dos vários artefatos de representatividade nessa sala é o “*molinêti de rizo*” (Figura 35), pequeno moinho com dois rolos, feito de madeira maciça e grossa, onde era colocado o arroz e, no girar manualmente, desprendia-se o grão da casca. Era fechado com couro, formando uma proteção para evitar que se perdesse o grão. Com

o avanço da tecnologia, o pequeno moinho manual tornou-se peça de representação do trabalho e de lembrança que se encontra exposta no Museu.

Figura 35 – Descascador de arroz, “*molinêti de rizo*”, em madeira, em 1880



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Além da cultura do arroz, o milho foi outro produto cultivado para o suprimento dos alimentos. A máquina manual (Figura 36) era usada para debulhar a espiga de milho que, depois, era levado ao moinho que extraia a farinha para fazer a polenta. A máquina de debulhar milho foi utilizada na casa de comércio de Paolo Bortoluzzi (fundador de Vale Vêneto) e doada para o acervo do MIEM em 1981.

Figura 36 – Máquina manual para debulhar milho, de 1899



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Além da confecção dos instrumentos rudimentares para o trabalho na roça e utensílios de cozinha, os imigrantes também dedicavam-se a outras atividades, como o artesanato. Para representar esses fazeres, foi selecionado o artefato feito de trança das melhores palhas de trigo, costurado à mão pelas mulheres e trabalhado numa forma quadrada de madeira, dando o formato da bolsa, chamada, no linguajar italiano, de “*sporta*”, conforme a Figura 37. As “*sportas*” eram usadas para carregar a merenda e o chá da tarde para os trabalhadores na roça. As mais refinadas eram usadas em festas, missas e/ou usadas pelas meninas para levar material escolar.

Figura 37 – Forma de madeira para fazer, “*sportas*” (sacolas), de 1945



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

3.2.1.6 Quarto Italiano

O conjunto mobiliário dessa sala está relacionado ao quarto de casal, conforme a Figura 38, com os baús, a cama, o berço, o oratório fabricado pelo próprio colono e a cômoda para guardar as roupas. O berço ficava ao lado da cama do casal, pois as famílias eram numerosas. Os colchões eram de palha de milho. Os tamancos feitos de madeira (*sóco*) ou de couro sempre ficavam prontos ao lado da cama, assim como as roupas penduradas no cabideiro, pois, além de otimizar o espaço, era prático para se vestirem ao levantar. Também fazem parte alguns objetos de devoção, como o crucifixo fixado na cabeceira da cama e o terço para as orações.

Figura 38 – Quarto Italiano do MIEM



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Selecionou-se como representatividade do ambiente do quarto italiano a “*cunna*”, berço de madeira (Figura 39), a cama (Figura 40) e os “*sócoi*”, tamancos de madeira (Figura 41), pela antiguidade evidenciada nos objetos e por demonstrar a simplicidade de vida na colônia. Conforme dados do acervo do MIEM, o berço foi usado durante 47 anos para embalar os filhos das duas gerações da família Brondani.

Figura 39 – Berço em madeira, “*cunna*”, de 1879



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

A cama (Figura 40), complemento indispensável do quarto, foi confeccionada em madeira pelo imigrante Gregório Bortoluzzi no ano de 1898 e doada em 1979 para ser peça de exposição no MIEM.

Figura 40 – Cama de casal em madeira, de 1898



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Na Figura 41, pode-se verificar os sapatos, confeccionados pelos próprios imigrantes italianos, o “sóco”. Feito todo em madeira maciça, talhado a mão, servia para proteger os pés das pedras no trabalho da roça, e os mais aprimorados usavam para ir à missa ou às festas. Conforme dados do acervo do MIEM, de manhã, no inverno, ao saírem para o trabalho, os imigrantes colocavam nos sapatos um pouco de cinza quente para deslizar e aquecer os pés e, no verão trabalhavam de pés descalços.

Figura 41 – Sapatos entalhado em madeira, “sócoi”, de 1894



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

3.2.1.7 Sala da Musicalidade

A exposição da sala de música, demonstrada na Figura 42, é formada por objetos musicais da época da colonização, usados para animação das missas e festas como também, instrumentos pertencentes à banda de música de Vale Vêneto, fundada no dia 22 de abril de 1922. Faz parte desse acervo, ainda, quadros com os cartazes da Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto e do Festival Internacional de Inverno da UFSM, desde o seu início, em 1986, até a atualidade. Esses eventos estão registrados no MIEM para divulgação, pois ainda são tradições na comunidade, atraindo turistas ao local. Os dois eventos foram iniciativas do Padre Clementino Marcuzzo e da Professora Alzira Severo, da UFSM, que desejavam, por um lado, preservar as tradições italianas de Vale Vêneto e, de outro, aperfeiçoar a atividade musical dos acadêmicos da UFSM, numa atividade de Ensino e Extensão com aulas de músicas integrando a comunidade. Nesse evento, a cidade recebe o público visitante e oferece almoços e jantares típicos da culinária italiana.

A comunidade italiana tem por tradição o amor pela música, pois herdaram da Itália. Para o Padre Clementino: “O canto é a alma de um povo. Quem canta vive

alegre... quem canta, seus males espantam, diz o ditado. Alegres eram os nossos antepassados que viviam cantando” (MARCUIZZO, s.d., p. 13).

Figura 42 – Sala de Música do MIEM



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Algumas músicas tocadas marcaram a vida dos imigrantes e suas gerações, independentemente de onde estiveram e que, ao visitarem o Museu, rememoram os momentos ao rever o harmônio (Figura 43), instrumento musical de teclas, utilizado, geralmente, nos ofícios litúrgicos. Era um artefato destacado no ambiente.

Figura 43 – Harmônio, de 1930



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Devido às características informacionais, o “*racolon*”, matraca (Figura 44), foi evidenciado na sala da musicalidade por ser um instrumento de música relacionado à religiosidade, pois era usado para substituir os toques do sino durante a semana santa.

Figura 44 – Matraca, “*racolon*”, de 1927



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

3.2.1.8 Sala Arte Sacra

Na sala da Arte Sacra (Figura 45), a exposição exhibe imagens, objetos que denotam a religiosidade vivida em comunidade pelos italianos e artefatos sacros usados nas celebrações litúrgicas durante as missas dominicais e festividades dos santos padroeiros. A religiosidade sempre esteve fortemente presente entre os imigrantes em que buscavam a fé nos momentos de tristeza e angustia tendo a esperança de ter um dia melhor. Para quem viveu sem acesso aos recursos básicos da vida, a religião era o centro de todas as atividades que faziam cantando ou rezando. A fé era a força que os movia para a vida.

Figura 45 – Sala Arte Sacra do MIEM



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

A exposição representa a devoção católica dos imigrantes. Destaca-se o ostensório (Figura 46), peça usada em atos de culto da Igreja Católica Romana para expor solenemente a hóstia consagrada sobre o altar ou para transportá-la em procissões. Foi doada pela Condessa Anna Stakpool em 1889 para a Igreja Matriz *Corpus Christi* de Vale Vêneto.

Figura 46 – Ostensório, de 1889



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

A comunidade procurava fazer com que o divino atendesse suas necessidades diárias, para isso, recorria aos Santos padroeiros pedindo proteção às lavouras, aos animais e à saúde. Na sala sacra, pode-se observar a imagem de São Francisco de Assis (Figura 47), primeiro padroeiro de Vale Vêneto, esculpida em madeira, trazida da Itália em 1878 pelo imigrante Paolo Bortoluzzi.

Figura 47 – Imagem de São Francisco de Assis



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Uma das características marcantes das igrejas ou capelas nas colônias italianas era a presença do sino (Figura 48). Ficava sempre próximo à Igreja, e permanecia no lugar mais alto, de forma que toda a comunidade pudesse ouvi-lo. Pelas diferentes batidas do sino, as pessoas ficavam sabendo o que estava acontecendo na comunidade, como horário das missas, nascimentos, casamentos, falecimentos entre outras. O sino é de bronze e foi doado para o Museu.

Figura 48 – Sino de bronze, de 1903



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

3.2.1.9 Memorial Padre Clementino Marcuzzo

Na sala dedicada ao Padre Clementino Marcuzzo, demonstrada na Figura 49, o visitante pode conhecer, a partir dos objetos, um pouco da história de sua vida: o seu perfil de sacerdote palotino, escritor, jornalista, pesquisador e animador das festas em Vale Vêneto e na Quarta Colônia de Imigrantes Italianos. Como radialista, saía de gravador em punho para deixar registrado o modo de vida dos italianos e registrar a história dos descendentes na Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS.

Em seus pronunciamentos sempre dizia: “preservar a memória é manter viva a cultura de um povo e o que está escrito permanece e sei de sua grande importância para a história do futuro”. O Jornal Integração Regional (2017), que realizou uma matéria sobre o Padre Clementino Marcuzzo, descreve-o como sanfoneiro e bom cantor, apreciador de vinho e animador de festas. Realizou um grande sonho: “colocar o seu Vale Vêneto no mapa do mundo, fazendo-o visível e significativo” (p. 15).

Os irmãos Padre Clementino e Eduardo Albino Marcuzzo cultivaram o amor e a gratidão pela cultura italiana e juntos contribuíram para a construção de um grande patrimônio cultural para a região da Quarta Colônia de Imigrantes Italianos do RS.

Figura 49 – Memorial do Padre Clementino Marcuzzo no MIEM



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Preservar os bens culturais que narrem o passado é também gerar riquezas no presente, unindo história e futuro por meio da tecnologia. Como forma de eternizar todos estes bens culturais, fez-se necessário a criação do site do MIEM.

4 DIVULGAÇÃO DA HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NUM PORTAL DE INFORMAÇÕES NA INTERNET (WEBSITE)

Este capítulo refere-se as questões relacionadas ao website enquanto ferramenta de comunicação a serviço da sociedade e como alternativa para a divulgação da história da imigração italiana preservada no MIEM. Trata-se de um exemplo de ação criativa, com o objetivo de disseminar o conhecimento e, ao mesmo tempo, facilitar o acesso aos bens culturais às pessoas que buscam informações sobre o patrimônio cultural abrigado no MIEM.

4.1 OS MUSEUS NA INTERNET: UMA NOVA REALIDADE

Na década de 1960, quando a internet surgiu nos Estados Unidos, primava pelo armazenamento de informações. No entanto, projetos acadêmicos e governamentais, passaram a desenvolver tecnologias que permitiram a intercomunicação entre computadores separados geograficamente (SOUZA, 2011).

Na instituição de pesquisa da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA), uma das subdivisões do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, foi criada a primeira rede de comunicação de computadores conhecida como ARPANET, sob o intuito de proteger o sistema de comunicação americano caso houvesse ataques da Rússia (CASTELLS, 1999). A internet encurtou distâncias e trouxe um modelo novo de sociedade.

Cardon (2012) afirma que, aos poucos, as pessoas foram se familiarizando com essa nova tecnologia, fazendo parte de vários aspectos da vida diária, indo desde o trabalho, estudos até o lazer e a diversão. “A Internet se tornou um imenso pátio de recreação, a esquina da rua, a calçada onde se conversa” (Ibid., p. 52). “Hoje a internet é como o ar que respiramos. [...] É parte integrante do tecido da nossa vida cotidiana, do negócio, da política, da maneira como funciona a nossa sociedade” (GIUSSANI, 2008 apud ANDRADE, 2008, p. 22).

No entendimento de Castells (2004), a internet simboliza a tecnologia da liberdade, de um futuro mais democrático para a humanidade. A partir do uso das novas tecnologias digitais e virtuais, o sistema do trabalho foi modificada de forma relevante. Essa possibilidade motiva ações mais criativas, além do desenvolvimento de habilidades para os novos métodos de organização e operacionalização do

trabalho. Segundo Catalani et al. (2006), a tecnologia da internet modificou a maneira de se trabalhar com os computadores, que deixaram de ser somente máquinas para processar e armazenar informações e passaram a ser empregados como ferramentas de comunicação.

A internet chegou e serviu para melhorar a qualidade de vida da população. Entrou em diversos setores da existência humana e impulsionou a informação e a comunicação, promovendo a cultura, modificando economias e ligando sociedades. Conforme Zagatto (2013), nas décadas de 1980 a 1990, no Brasil, principalmente as regiões Sudeste e Sul, onde mais se desenvolveu a quantidade de instituições, foram impulsionadas pelas TIC. Portanto, foi a partir de 1990 que a internet se propagou, o que permitiu a difusão das instituições museológicas nesse meio pelos websites, servindo como um instrumento de comunicação e interação com o público, além de proporcionar o desenvolvimento cultural, econômico e social dos museus.

De acordo com Silva e Lisboa (2016), um website também é um instrumento complementar e inovador que os museus possam criar, promovendo uma comunicação com o público e o patrimônio, ampliar o acesso ao seu acervo e despertar o interesse de novos indivíduos.

Galvão e Bernardes (2011), menciona que colocar o museu em um ambiente virtual não substitui a visita física, pelo contrário, estimula ainda mais, pois facilita o acesso às informações, proporcionando maior interação com o acervo, mostrando a riqueza cultural que existe.

Apesar do museu virtual se apresentar muitas vezes como uma extensão do museu físico, para facilitar o acesso, estimular geração de conhecimento, dar nova visão sobre o objeto físico e ainda estimular os indivíduos a conhecer e frequentar os museus tradicionais pode ele mesmo ser um espaço inovador de mediação cultural (GALVÃO; BERNARDES, 2011, p. 142).

Nesse sentido, a “mediação cultural” da informação não pode ser substituída pela visita física. Para além do site, a exposição permanente faz parte da comunicação em que o visitante, ao acessar diretamente as informações de cada objeto, compreende e percebe o real sentido da história.

O acesso à Internet tornou possível ter ao alcance das mãos acervos digitais completos, em qualquer linguagem, em qualquer lugar do mundo e no horário que for mais adequado. Assim como é possível realizar visitas virtuais a outros locais,

incluindo galerias de arte e museus, seja para pesquisa ou para deleite, tornando o conhecimento mais interativo e dinâmico (ANDRADE, 2008).

Dessa forma, o site do MIEM se torna possível para aqueles que queiram contribuir com informações e objetos ou ainda buscar, de forma mais prática, essas informações, bem como a nova geração criar um vínculo mais efetivo com seu passado e sua identidade, redefinindo também o que se pode chamar de lógica de consumo dos acervos. Nessa mesma perspectiva, a internet, por estar arraigada na vida das pessoas, sendo uma ferramenta indispensável nos dias atuais. As novas gerações que cresceram neste mundo digital podem ser apreciadoras e pesquisadoras dos museus, que, por meio da internet, podem acessar virtualmente os acervos, como um estímulo a uma visita física.

No mundo digital em que se vive, utilizar essa ferramenta como difusão e preservação de bens culturais é de grande relevância. Nesse contexto, cita-se a imigração italiana no Brasil como um movimento étnico que contribuiu muito para o desenvolvimento do país. Esses imigrantes deixaram um valioso patrimônio em tudo o que construíram. Expor a existência desse legado na internet significa divulgar para o mundo acessá-lo e conhecê-lo.

4.2 O PASSADO À LUZ DO FUTURO: O SITE DO MIEM

Apresentam-se neste item, os resultados (o produto) da pesquisa, em que a inserção da tecnologia da informação no ambiente do tradicional Museu pode encurtar distâncias entre a história e o público. Portanto, para se atingir o resultado principal, a criação do site do MIEM de Vale Vêneto, foram desenvolvidas ações que contemplassem a implementação de métodos de difusão para dar-lhe visibilidade na rede mundial.

O site do MIEM, pode ser acessado no endereço eletrônico <<http://www.museudoimigranteitaliano.org.br>>, onde, a partir do acesso, o visitante virtual entrará no universo da cultura italiana, podendo viajar no tempo e na história destes imigrantes. Assim, aqui é apresentado um resumo da expografia do site do Museu, com conteúdo que poderá ser visitado on-line. O número expressivo de imagens do site advém da façanha dos criadores do Museu, os quais, ao longo de sua história, reuniram mais de dez mil artefatos.

O site foi construído de tal forma que pode ser visualizado adequadamente em todos os dispositivos: celulares, tablets, laptops e desktops, sem perda de qualidade ou identidade. Dessa forma, o MIEM passa a ser referência da Imigração Italiana no RS, podendo ser trabalhado de várias formas, pois a internet possibilita que seus museus interajam de forma globalizada a qualquer momento, visto que museus virtuais nunca fecham.

A história, a origem e o conteúdo dos objetos, bem como a descrição mais minuciosa das salas de exposição, encontram-se no item 3.2.1 desta dissertação.

A Figura 50 mostra a página inicial do site, que foi dividida em duas partes: a primeira, localizada na horizontal, na parte superior do site, identifica onde é possível acessar as funcionalidades de navegação do site e, no meio do menu, contém a logomarca do museu; a segunda parte, na área central, são apresentados os temas das diferentes seções do site. O ambiente virtual foi pensado e criado nas cores que representam a identidade da cultura italiana: vermelho, verde e branco. As imagens apresentadas no site são fotografias de objetos da exposição do Museu e buscam criar uma identificação imediata ao passado dos imigrantes por meio dos artefatos que serão encontrados na visita virtual.

Figura 50 – Página inicial do site do MIEM



Fonte: Célia Terezinha Foletto. Site do MIEM: <<http://www.museudoimigranteitaliano.org.br>>.

No menu de navegação do cabeçalho do site, o visitante pode acessar várias informações sobre o Museu a partir dos seguintes itens: O Museu; Exposição; Visitação; Publicação e Notícias/Eventos, conforme mostra a Figura 51.

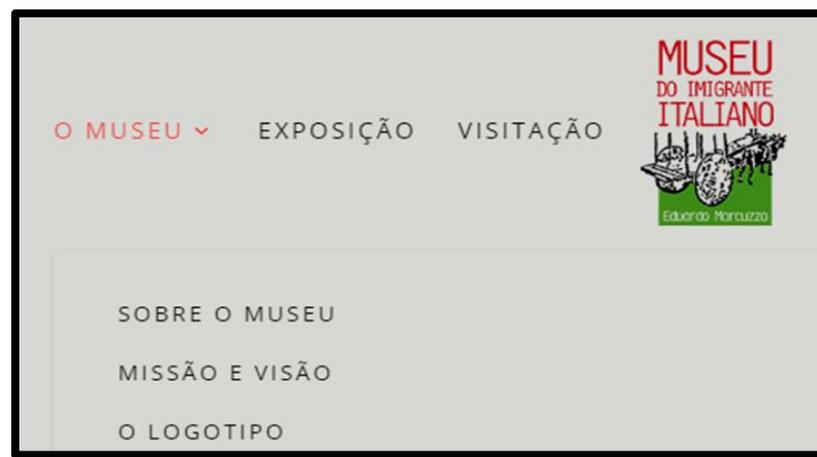
Figura 51 – Cabeçalho do site e menu de navegação



Fonte: Célia Terezinha Foletto. Site do MIEM: <<http://www.museudoimigranteitaliano.org.br>>.

A divisão do menu de navegação acessa cada item do Museu conforme sua categoria. Ao clicar em cada item, o visitante é direcionado a uma nova seção do site, que apresentará as informações de acordo com o desejado. O único item que apresenta subseções intitula-se *O Museu* (Figura 52), onde relata toda a história do MIEM nos subitens: *Sobre o Museu*, *Missão e Visão* e *O Logotipo*.

Figura 52 – Página referente ao item *O Museu*, com subitens



Fonte: Célia Terezinha Foletto. Site do MIEM: <<http://www.museudoimigranteitaliano.org.br>>.

O item *Exposição* (Figura 53) é composto por uma breve explicação sobre a disposição das salas do Museu, pensadas de forma que o visitante reconheça a singularidade da exposição que reporta à época dos imigrantes. O mapa demonstrado

na Figura 53 foi planejado para facilitar a navegação do turista virtual e entender a localização das salas nos três andares, tendo uma visão geral do Museu.

Figura 53 – Página referente ao item *Exposição*



Fonte: Célia Terezinha Foletto. Site do MIEM: <<http://www.museudoimigranteitaliano.org.br>>.

Quando o visitante colocar o cursor sobre as salas do mapa, aparece uma pequena imagem (Figura 54), um vislumbre do que se apresenta nesta sala.

Figura 54 – Seleção de salas específicas do MIEM – Sala Italiana



Fonte: Célia Terezinha Foletto. Site do MIEM: <<http://www.museudoimigranteitaliano.org.br>>.

Tomando como exemplo a Sala Italiana (Figura 55), ao clicar sobre a pequena imagem, a sala se abre e o visitante virtual encontra uma breve explicação sobre ela, podendo observar em uma fotografia à disposição dos artefatos desta sala. Abaixo, há imagens sobre alguns destes artefatos com sua identificação.

Figura 55 – Página referente à Sala Italiana

O MUSEU ▾ EXPOSIÇÃO VISITAÇÃO **MUSEU DO IMIGRANTE ITALIANO** PUBLICAÇÕES NOTÍCIAS / EVENTOS

SALA ITALIANA

Ambiente amplo para acolher as famílias vizinhas nas rezas do terço quando da visita do Santo de devoção. Em certas ocasiões o espaço era destinado ao velório de algum membro da família ou para receber visitas importantes. A sala era também o local dos namoros onde dois ou três casais usavam ao mesmo tempo o espaço aos sábados à noite e aos domingos de tarde. Fazia parte do ambiente os quadros dos santos de devoção, retratos da família e demais objetos de uso cotidiano.

CADEIRA
Ano: 1917

TRAVESSA
Ano: 1950

SOPEIRA
Ano: 1930

BULE
Ano: 1888

Fonte: Célia Terezinha Foletto. Site do MIEM: <<http://www.museudoimigranteitaliano.org.br>>.

Após entrar em todas as salas virtualmente, o visitante que desejar ir até o Museu “in loco”, encontrará informações sobre horários e agendamentos de visitas no menu *Visitação* (Figura 56). É importante deixar claro que a visita virtual não substitui a visita presencial, uma vez que a visita presencial permite vivenciar a riqueza de detalhes que compunha verdadeiramente a vida do imigrante italiano.

Figura 56 – Página referente ao item *Visitação*


O MUSEU ▾ EXPOSIÇÃO VISITAÇÃO PUBLICAÇÕES NOTÍCIAS / EVENTOS

MUSEU DO IMIGRANTE ITALIANO
MIEM - MIEM - C/O

VISITAÇÃO

O Museu é um ambiente de aprendizado e de conhecimento, preserva uma variedade de objetos distribuídos em três andares, onde o visitante poderá fazer uma viagem no tempo e conhecer a trajetória de vida dos imigrantes italianos. Ao visitar o museu, também, é possível conhecer o memorial Pe. Clementino Marcuzzo, grande incentivador da cultura italiana.

Agendamento de visita
As visitas em grupo ou pesquisas individuais deverão ser previamente agendadas: de segunda à sexta-feira à tarde das 13h00 às 17h00 sábados das 9h00 às 11h00
WhatsApp: (55) 99981-4730

ORIENTAÇÕES DO MIEM PARA VISITAS E PESQUISAS

O Museu recebe várias visitas individuais e de grupos em diversos níveis de escolaridade, possibilitando aos visitantes uma visão da história da imigração italiana, portanto foram elaboradas algumas orientações para a gestão e política de acesso.

- Horário de visitas: sábados e domingos das 14h30m às 18h00m.
- A entrada no Museu tem uma contribuição de R\$5,00.
- Visitas em grupo (máximo 50 pessoas) e ou pesquisas individuais deverão ser previamente agendadas.
- É importante cumprir o horário agendado, caso contrário que seja comunicado a impossibilidade da visita.
- É permitido fotografar e filmar para fins não comerciais;
- Pessoas com deficiência podem requerer assistência à nossa equipe;
- Não é permitida a entrada de animais, exceto cão-guia;
- Não é permitido fumar, portar ou consumir alimentos e/ou bebidas;
- Caso tenha agendado a sua visita, dirija-se à recepção;
- O Museu possui um acervo de fotografias digitalizadas e inventariadas, e livros sobre a imigração italiana; caso haja interesse em consultar faz-se necessário o agendamento prévio. A visita poderá ser realizada de segunda à sexta-feira;
- A reprodução de qualquer documento será fornecida posteriormente por meio eletrônico contendo os créditos da instituição: MIEM e mediante exposição dos objetivos a que se propõe;
- Cada consulta ao acervo o usuário deverá preencher um formulário próprio do MIEM com a data, tema, assunto da pesquisa;
- O MIEM não autoriza e não se responsabiliza pela divulgação e/ou comercialização de pacotes de visitas realizadas por terceiros envolvendo a marca ou qualquer um dos serviços do museu ao público visitante;
- O Museu fecha para limpeza toda segunda-feira;

O MIEM tem prazer em recebê-lo. curta sua visita!
Contato: museu_miem@gmail.com
WhatsApp: (55) 99981-4730

Fonte: Célia Terezinha Foletto. Site do MIEM: <<http://www.museudoimigranteitaliano.org.br>>.

Quando o visitante desejar conhecer diversos temas que compõem a história da imigração italiana por meio de livros, catálogos, Dissertações dentre outros pode se direcionar ao item do menu *Publicações* (Figura 57). Pensou-se em incluir esse item para pesquisadores e turistas que desejarem se aprofundar no assunto possam encontrar um acervo bibliográfico sobre o tema, auxiliando na pesquisa.

Figura 57 – Página referente ao item *Publicações*

O MUSEU ▾ EXPOSIÇÃO VISITAÇÃO **MUSEU DO IMIGRANTE ITALIANO** PUBLICAÇÕES NOTÍCIAS / EVENTOS

PUBLICAÇÕES

PUBLICAÇÕES DE CLEMENTINO MARCUZZO

100 CENTO CANTI TALIANI
 "cantar e beber ze el melo viver": as mais belas canções Italianas da 4ª colonização no centro do Estado do Rio Grande do Sul. (Livro) Ano 19... - Santa Maria-RS

CINQUENTENÁRIO DA GRUTA DE VALE VÊNETO 1942-1992
 (Folheto). Santa Maria-RS

CENTENÁRIO DA CHEGADA DAS IRMÃS E FUNDAÇÃO DO COLÉGIO VALE VÊNETO 1892-1992
 Santa Maria - RS

NA SCIOPETADA DE FRÓTOLE TALIANE
 (Folheto - 2004)

CENTENÁRIO DE VALE VERONÉS
 Epopéia da Imigração de Vale Veronés com seus costumes e tradições Santa Maria R/S (Livro 1982). Santa Maria-RS

ROMARIA DA MEDIANEIRA - 50 ANOS DE FÉ E DEVOÇÃO
 (Folheto).

PROVERBI TALIANI LA SAPIENZA DEI SECOLI
 Quarta Colônia Imperial, centro do Estado (Livro - 1996) - Santa Maria-RS

LA SANTA MESSA
 (Folheto). Santa Maria-R/S

OUTRAS PUBLICAÇÕES

PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL RELIGIOSO DE VALE VÊNETO
 VIZZOTTO, Jacinta Maria Pivetta. Patrimônio histórico cultural religioso de Vale Vêneto. Monografia (Especialização em Gestão de Arquivos). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

HISTÓRIA DE FÉ E TRABALHO
 VIZZOTTO, Jacinta Maria Pivetta. História de fé e trabalho: bens culturais de Vale Vêneto. 2014. 259 p. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

Fonte: Célia Terezinha Foletto. Site do MIEM: <<http://www.museudoimigranteitaliano.org.br>>.

A seguir, é possível o visitante encontrar informações de relatos e acontecimentos sobre o Museu no item *Notícias/Eventos* do menu principal, conforme a Figura 58.

Figura 58 – Página referente ao item *Notícias/Eventos*

O MUSEU ▾ EXPOSIÇÃO VISITAÇÃO **MUSEU DO IMIGRANTE ITALIANO** PUBLICAÇÕES NOTÍCIAS / EVENTOS

NOTÍCIAS / EVENTOS

FESTIVAL DE INVERNO DE VALE VÊNETO COMEÇA NO DOMINGO
jul 18, 2018

Domingo será dada a largada para o Festival de Inverno, que ocorre em Vale Vêneto, interior de São João Polêsine. O XXXI Festival Internacional de Inverno da UFSM e a XXXI Semana Cultural Italiana acontecem paralelamente e também vão deste domingo (24), até o próximo...

[LER MAIS](#)

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA: "AS CASAS ATRAVÉS DALENTE: IMAGENS DAQUILO QUE NÃO VIVEMOS"
jul 18, 2018

O Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo exibe, a partir de 22 de julho, exposição com imagens e reminiscências lembrando os 140 anos da imigração e colonização italiana em Vale Vêneto. Recordar daquilo que não conhecemos e relembrar aquilo que não vivemos, faz...

[LER MAIS](#)

16ª SEMANA MUSEUS HIPERCONECTADOS
14 a 20 MAIO 2018

DIA MUNDIAL DO MUSEU
jul 17, 2018

No dia 18 de maio de 2018 é comemorado o Dia Mundial do Museu e para marcar a data, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) promoveu a 16ª Semana de Museus, com o tema "Museus Hiperconectados, novas abordagens, novos públicos". O Museu do Imigrante Italiano Eduardo...

[LER MAIS](#)

VALE VÊNETO REABRE MUSEU QUE CONTA A HISTÓRIA DOS IMIGRANTES
jul 17, 2017

(matéria Diário de Santa Maria) Das conversas com o pai, Eduardo Marcuzzo herdou o interesse pela

Fonte: Célia Terezinha Foletto. Site do MIEM: <<http://www.museudoimigranteitaliano.org.br>>.

Por fim, a barra de informações que se encontra no final da página (Figura 59) permite ao visitante sanar qualquer dúvida que possa ter remanescido em sua visita virtual. Como horário de visitação, como chegar, onde se encontra o mapa de acesso pelo *Google Maps*, o mapa de localização de Vale Vêneto e o e-mail para contatos.

Figura 59 – Página referente à Barra de Informações



Fonte: Célia Terezinha Foletto. Site do MIEM: <<http://www.museudoimigranteitaliano.org.br>>.

Atualmente, muitos museus possuem ou estão implantando sites institucionais, buscando levar ao público informações sobre o conteúdo do seu acervo e sobre as ações culturais desenvolvidas em seus espaços. No caso do MIEM, essa iniciativa poderá ter grande repercussão, não somente na comunidade de Vale Vêneto, mas sobretudo nas associações e organizações italianas pelo mundo.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou divulgar a história da imigração italiana na região central do estado do Rio Grande do Sul através da inserção do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo, que representa parte significativa do patrimônio cultural e histórico da Quarta Colônia, no universo virtual.

O Museu, localizado no Distrito Turístico de Vale Vêneto, preserva a memória e a história dos imigrantes italianos que povoaram a região e deixaram uma herança cultural que foi multiplicada nos locais onde se instalaram e se perpetua através das gerações. Esse patrimônio cultural é expresso nas tradições, nos usos e costumes materializados por meio de artefatos como roupas, instrumentos de trabalho, símbolos, utensílios domésticos, fotografias e documentos, que guardam dentro de si informações e identidade, oportunizando conhecimento e fortalecendo o sentimento de pertencimento da comunidade. Por isso é muito importante guardar, catalogar, registrar e valorizar para que também as novas gerações possam aprender com tudo isso. Salvar toda esta gama de objetos culturais nessa entidade museal é preservar essa memória, de luta, de coragem e de construção. As pessoas mesmo que não sejam da mesma cultura, podem, através da visita ao Museu, compreender o estilo de vida desses imigrantes italianos, que construíram cidades e contribuíram com o desenvolvimento da região central do Rio Grande do Sul.

Eduardo Albino Marcuzzo foi um homem que valorizou o Patrimônio Cultural trazido pelos colonizadores italianos e iniciou a preservação de todos os objetos, que pode resgatar e zelar. Dessa sua dedicação nasceu o Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo, que hoje possui um dos maiores acervos temáticos sobre imigração italiana na região.

O MIEM passou por diversas mudanças, desde a sua fundação, como alteração do nome, reorganização do acervo, reforma do prédio, onde hoje os artefatos estão distribuídos nas salas temáticas, tornando mais didático à visita no Museu. A comunidade de Vale Vêneto sempre esteve presente na formação do Museu, desde a doação de objetos até o trabalho voluntário de manutenção e administração, tendo orgulho em poder homenagear seus antepassados através desse espaço.

Apesar do envolvimento e da preocupação da comunidade em preservar e difundir a história dos seus antepassados, o Museu ainda é pouco conhecido. Devido à representatividade que o Museu tem para a região, foi criado um site para a difusão

do Museu, onde é possível navegar pelas salas temáticas e conhecer um pouco da história dos imigrantes italianos que colonizaram a Quarta Colônia.

O MIEM está empregando a internet, como aliada na difusão de seu acervo indo além das suas salas de exposição, unindo o espaço real ao virtual, o que trouxe mais expressividade e visibilidade ao Museu que pode ser acessado em qualquer tempo e lugar elevando-o a nível mundial. Também o site do MIEM foi desenvolvido e disponibilizado de forma que o usuário possa realizar visitas virtuais de acesso fácil e rápido para acessar e navegar, instigando-o e despertando seu interesse para a visitação “in loco”. No entanto transportar uma parte do acervo do Museu para a Internet é um grande passo para a divulgação da cultura italiana e incentivo ao desenvolvimento do turismo local e regional.

Pode-se afirmar com essa pesquisa que, a internet ofereceu para a museologia uma nova concepção e um novo cenário comunicacional, proporcionando uma postura mais dinâmica por dar a oportunidade aos museus de ultrapassarem os limites físicos. Uma vez que abre suas portas para o mundo digital, o site pode não só transcender o tempo e o espaço envolvendo um público maior, mas também possibilitar maior interação e aproximação com o público e o acervo, o que proporciona conhecimento e reflexão. Portanto cabe aos museus, além de preservar e expor seu acervo, buscar ações inovadoras que viabilizem o acesso deste patrimônio, permitindo a socialização da informação.

Com o auxílio dessa ferramenta o Museu divulga a sua história local, motiva a comunidade a preservar sua cultura e o legado deixado por seus antepassados, além de servir como incentivo para que novos sites sejam produzidos como alternativa para que essa riqueza cultural seja conhecida e compartilhada com a sociedade.

Foi muito gratificante elaborar este site, como descendente de imigrantes italianos, pois propagar a história dos imigrantes italianos é uma forma de valorizar a identidade local, estimulando a preservação dos costumes e tradições das famílias que residem nesta comunidade. Também é um estímulo para que novas pesquisas sejam feitas nessa área, trazendo novos olhares sobre o tema.

Como forma de ampliar a difusão, sugere-se a realização de ações conjuntas com outros museus da colonização italiana no RS, para que seja criado um portal único para visualização de todos os museus virtuais da região, o que tornaria mais

expressiva a divulgação, promovendo o encontro com outros universos culturais desta etnia.

Outra sugestão é realizar um acompanhamento do site, com estatísticas de visitação, análise dos comentários e averiguando as expectativas do público para que o website possa ser aprimorado, conforme as necessidades forem sendo identificadas pelos usuários.

Salienta-se que o site do MIEM disponibiliza e dá oportunidade de “escuta” para que o público possa expressar sua opinião sobre o Museu, pois possui um canal de comunicação com o usuário, o e-mail, em que o público pode expressar seu ponto de vista, facilitando o feedback, que muitas vezes não faria “in loco”.

Assim, espera-se que as visitas virtuais no site do MIEM despertem a curiosidade e o interesse pelo conhecimento do patrimônio cultural e histórico da região, o que atrairá um maior número de visitantes presenciais ao Museu, estimulando o turismo local e o desenvolvimento da Quarta Colônia de Imigrantes Italianos do RS.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. F. D. **O museu na era da comunicação online**. 2008. 72 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2008.
- BATTISTEL, A. **Colônia Italiana: religião e costumes**. Porto Alegre: Est, 1981.
- BELLINASSO, S. **Os Heróis de Val de Buia: a história dos imigrantes italianos que construíram a Quarta Colônia de Imigração Italiana de Silveira Martins**. Ivorá: Pallotti, 2000.
- BONFADA, G. **Os Palotinos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Pallotti, 1991.
- BOTTALLO, M. Os museus tradicionais na sociedade contemporânea: uma revisão. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 5, p. 283-287, 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/109242>>. Acesso em: 20 jul. 2018.
- CÂNDIDO, M. M. D. **Gestão de Museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento**. 2. ed. Porto Alegre: Medianiz, 2014.
- CARDON, Dominique. **A democracia Internet: promessas e limites**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. **A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CATALANI, L. et al. **E-Commerce**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CIDADES DO VALE. **O Jornal da Quarta Colônia**. Uma viagem no tempo: o resgate e a valorização da cultura italiana, p. 21, 30 de junho de 2017.
- CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS – ICOM. **O que é um museu**. 2018. Disponível em: <<https://www.unijui.edu.br/extensao/comunidade/434-conteudo-editores/sinergia/fique-por-dentro/19440-o-que-e-um-museu#>>. Acesso em: 24 jun., 2018.
- COSTA, H. H. F. G. da. Museus, pontes entre gerações. **Revista Museu**, v. 1, p. 01-06, 2010. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5985>>. Acesso em: 12 jul. 2018.
- COSTA, R.; COSTELA, I.; SALAME, P.A.; SALAME, P. J. **Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: vida costumes e tradições**. Porto Alegre. EST. Sulina, 1986.
- DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DE BONI, L.; COSTA, R. **Os Italianos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/UCS, 1982.

DOTTO, L. R. **As imagens da imigração italiana**: o acervo fotográfico do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo em Vale Vêneto. 2012. 45 f. Monografia (Trabalho de Conclusão em Arquivologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

FELIN, S. Quarta Colônia: identidade, fundação, costumes e tradições de Vale Vêneto. **Revista Latino-Americana de História**, v. 2, n. 6, 2013. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6238687.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

FOLETTTO, J. Avaliação dos pontos e da infraestrutura turística de Vale Vêneto. In: JORNADA INTEGRADA DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO, 1998, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria, 1998.

FRANÇA, L. **Módulo II – Função social do museu**. Curso de Museologia Social – Conceitos, Técnicas e Práticas. Campo Grande: Portal Educação e Sites Associados, 2009.

GALVÃO, G. K. A.; BERNARDES, A. M. A organização da informação como Instrumento de preservação e acesso ao Museu Virtual da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 4, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/119/170>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. – 6. Ed. – 4 reimpr. - São Paulo: Atlas, 2011.

GIRAUDY D.; BOUILHET H. **O museu e a vida**: um texto comentado e ilustrado com cinquenta desenhos originais. Minas Gerais: Ed. da UFMG, 1990.

GIRARDI, L. L. **Memórias e vivências**. Porto Alegre: Palotti, 1995.

GIRON, S. L.; HERÉDIA, V. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Est, 2007.

GOMES, S. Vale Vêneto reabre museu que conta a história dos imigrantes. **Diário de Santa Maria**. Santa Maria, RS, 2017. Disponível em: <<https://diariosm.com.br/vale-v%C3%AAneto-reabre-museu-que-Conta-a-hist%C3%B3ria-dos-imigrantes-1.2007507>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

HARARI, Y. N. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. 38. ed. Porto Alegre: L&PM, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em Números**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. 1 v.

JORNAL de Integração Regional. **Padre Clementino Marcuzzo Vale Vêneto**. Edição 902, julho 2017. P 15.

LEITE, M. M. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: EDUSP, 2001.

LORENZONI, J. **Memórias de um Imigrante Italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

MARCUZZO, C. **100 cento canti taliani**: “cantar e beber ze el meio viver”: as mais belas canções italianas da 4ª colonização no centro do Estado do Rio Grande do Sul. Santa Maria: Pallotti, [s.d.].

MARCUZZO, C. **Centenário de Vale Veronês**: epopéia da imigração italiana de Vale Veronês, com seus costumes e tradições. Santa Maria: Pallotti, 1982.

MEIRA, A. L. G. **O patrimônio histórico e artístico nacional no Rio Grande do Sul no século XX**: atribuição de valores e critérios de intervenção. 2008. 483 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Territorial) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MUCHACHO, R. M. S. P. **Museu e novos media**: a redefinição do espaço museológico. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2009.

NARDI, O. **O meio rural da quarta colônia de imigração italiana como tema e cenário turístico**. 2007. 189 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Cadernos de pesquisas em administração**, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/44765500/projeto-de-pesquisa--metodos-de-observacao>>. Acesso em: 08 out. 2018.

OLIVEIRA, L. L. **Cultura é patrimônio**: um guia. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

PELEGRINI, S. C. A.; FUNARI, P. P. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2013

QUAINI, J. B. **Origem histórica da Província Nossa Senhora Conquistadora**: Primeira parte (1886-1954). Santa Maria: Biblos, 2016.

RAMOS, F. R. L. **A danação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

RIGHI, V.; BISOGIN, E. L.; TORRI, V. **Povoadores da Quarta Colônia**: contribuições do imigrante italiano na Quarta Colônia Imperial de Silveira Martins. Porto Alegre: Est, 2001.

RODRIGUES, D. **Patrimônio cultural, memória social e identidade**: uma abordagem antropológica, 2012. Disponível em:

<<http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodriques-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

RUBERT, A. **Quarta colônia: assistência religiosa (1877-1900)**. Porto Alegre: Est, 2003.

SABINO, P. R. Arquitetura e expografia: um estudo de suas relações em museus e instituições culturais. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, 2011. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/dhtm/seer/index.php/cpgau>>. Acessado em: 31 out. 2018.

SANTIN, S. **A imigração Esquecida**. Porto Alegre: EDUCS, 1986.

SANTIN, S. Sonhos diferenciados ou desfeitos: Silveira Martins, a Quarta Colônia, no cenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul. In: MARIN, J. R. (Org.). **Quarta Colônia: novos olhares**. Porto Alegre: EST, 1999. p. 11-24.

SATURNINO, D. **Comunicação visual e expografia: um estudo de caso da exposição Audiophylia**. 2014. 98 f. Monografia (Bacharelado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, Bahia, 2014.

SECRETI, A. **A contribuição do turismo para o desenvolvimento de determinadas localidades: o caso de Vale Vêneto**. 2004. 59 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2004.

SILVA, B. Y.; LISBOA, P. F. Protótipo de website para o MAG. Museu de Arte de Goiânia. In: Congresso de Ciências da Comunicação da Região Centro Oeste, Goiânia – GO, 18, 2016. **Anais...** Goiânia, GO, 2016.

SOUZA, M. **A influência da internet e suas ferramentas no ambiente corporativo**. 2011. Comunidade ADM. Disponível em: Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/marketing/a-influencia-da-internet-e-suas-ferramentas-no-ambiente-corporativo/56354/>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

VARINE, H. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VIZZOTTO, J. M. P. **História de trabalho e fé: bens culturais de Vale Vêneto**. 2014. 261 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014.

ZAGATTO, V. A. **Tecnologia de informação e comunicação e o ambiente museológico: um estudo do discurso tecnológico dos periódicos**. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2013.